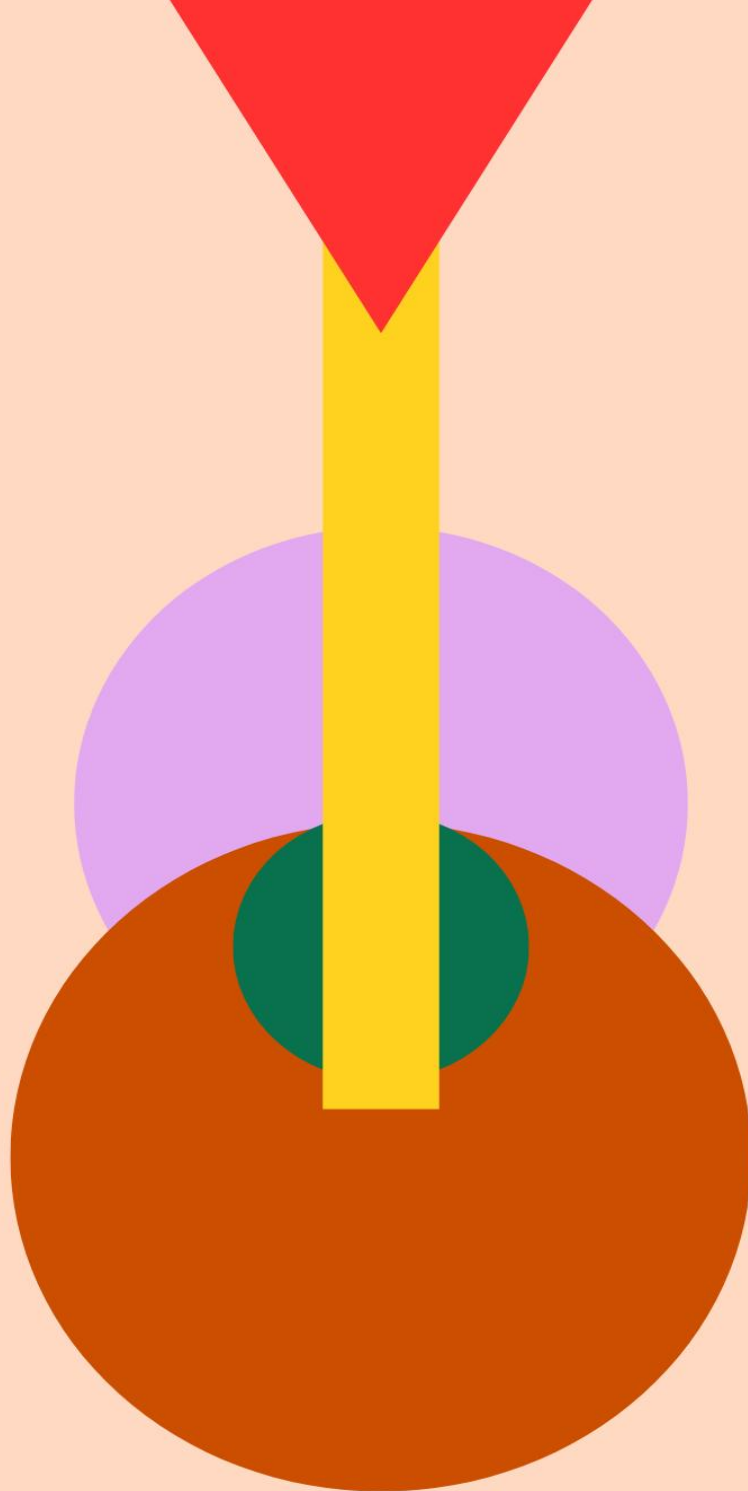




QUAIS SÃO OS PATRIMÔNIOS MATERIAIS E IMATERIAIS **DE ILHA SOLTEIRA?**

Gabriel Reis de Carvalho
Marcos da Cruz Alves Siqueira
Organizadores

Apoio:



Realização:

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Parceria:



PROGRAMA NACIONAL
DOS COMITÊS DE CULTURA
EM SÃO PAULO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

QUAIS SÃO OS PATRIMÔNIOS MATERIAIS E IMATERIAIS DE ILHA SOLTEIRA?

**Gabriel Reis de Carvalho
Marcos da Cruz Alves Siqueira**
Organizadores

Ficha Técnica

Título: *Quais São os Patrimônios Materiais e Imateriais de Ilha Solteira?*

Organização:

Gabriel Reis de Carvalho – Agente Territorial de Cultura
Prof. Dr. Marcos da Cruz Alves Siqueira

Coordenação Geral:

Prof. Dr. Marcos da Cruz Alves Siqueira

Design de Conteúdo e Imagético:

Prof. Dr. Marcos da Cruz Alves Siqueira

Seleção de Autores Convidados:

Gabriel Reis de Carvalho

Revisão:

Coletivo Devir – Pesquisa de Mapeamento

Colaboração e Pesquisa de Campo:

Estudantes do Curso Técnico em Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira

Agradecimentos:

Disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira

Apoio Institucional:

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campus Três Lagoas

Realização:

Departamento de Cultura de Ilha Solteira
Prefeitura Municipal de Ilha Solteira
Ministério da Cultura
Governo Federal

Financiamento:

Política Nacional Aldir Blanc – Edital de Fomento Aldir Blanc Ilha Solteira nº 001/2024
Processo Administrativo nº 078/2024

Local e Ano:

Ilha Solteira (SP), 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quais são os patrimônios materiais e imateriais de
Ilha Solteira? [livro eletrônico] / Gabriel
Reis de Carvalho, Marcos da Cruz Alves
Siqueira (organizadores). -- Ilha Solteira, SP :
Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-85386-4

1. Cultura popular 2. Ilha Solteira (SP) -
Descrição e Viagens 3. Patrimônio cultural - Brasil
4. Patrimônio imaterial - Brasil I. Carvalho, Gabriel
Reis de. II. Siqueira, Marcos da Cruz Alves.

25-324160.1

CDD-363.690981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Patrimônio cultural : Memória e
preservação 363.690981

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

ILHA SOLTEIRA - PATRIMÔNIO E CULTURA



ILHA SOLTEIRA - PATRIMÔNIO E CULTURA

SUMÁRIO

PRÉFACIO	9
PARTE I: MAPEAMENTO DOS PATRIMÔNIOS	10
FUNDAMENTOS DO SENSORIAMENTO REMOTO APLICADOS AO MAPEAMENTO URBANO E PATRIMONIAL Vitor Matheus Bacani	11
<i>A urbanização da cidade de Ilha Solteira: contribuições das memórias de um professor universitário Lucimara Aparecida dos Reis</i>	18
<i>A HISTÓRIA DA USINA ILHA SOLTEIRA: A NATUREZA EM PROL DA ENERGIA Maria José Lima-Sabbag e Omar Jorge Sabbag</i>	26
PARTE II: FESTAS, FESTIVAIS, FOLIAS E FEIRAS	28
<i>Teatro de Ilha Solteira Rhayanne Mickaelly Alves Gomes Da Silva</i>	29
<i>O Espaço do Artesão: Um Patrimônio Cultural Vivo e Imprescindível Judy Bell Lee França</i>	33
FUNDAÇÃO CULTURAL DE ILHA SOLTEIRA Tavinho Lima	37
O MOTO FEST DE ILHA SOLTEIRA Carlos Eduardo Farias Garcia	39
FAPIC (Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Ilha Solteira) Maria Clara Esperança	42
Festa da Mandioca Maria Eduarda Ribeiro Coqueiro	44
A Festa Literária de Ilha Solteira (FLIS): Cultura, Resistência e Protagonismo Juvenil Eliab Kauan da Silva Lima	46
NATAL DE ILHA SOLTEIRA Beatriz Piquera	50
Parte III: MEMÓRIAS	52
Velha Barrageira: relato da pioneira Cleonice Santos Stefany Victoria da Silva Santarosa	53
Parte IV: LUGARES, ESPAÇOS E ROTAS	56
Praça da Emancipação - Monumento aos Emancipadores de Ilha Solteira Vilma Duarte	57
A Biblioteca Pública de Ilha Solteira: Espaço, Memória e Sociedade Rebeca Hadassa Albuquerque Lyra	60
A Caixa d'Água: Símbolo da Cidade Isadora Cristina Silva de Almeida	63
Praça das Araras: Um Pedaco da Itália no Noroeste Paulista Laura Luiza Chiquetto Antoniassi	66
Porto de Ilha Solteira Rafaela Maísa Cardoso Garcete	69
Zoológico de Ilha Solteira: Refúgio da Natureza Miguel Sousa	71
A Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira Guilherme Takahashi	73

<i>Monumento para Emancipar/ Ana Ferraz</i>	<i>75</i>
PARTE V: EDUCAÇÃO	77
<i>UNESP Ilha Solteira - Faculdade de Engenharia/ Ana Clara de Souza Silva</i>	<i>78</i>
<i>ETEC ILHA SOLTEIRA: RAÍZES DE UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA/ Maria Lara Avelar Nantes</i>	<i>80</i>
<i>Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de São Paulo (IFSP)/ Ana Laura dos Santos Fazzan</i>	<i>83</i>
<i>Escola Municipal de Educação Infantil Eva Costa de Souza/ Gabriely Monteiro Leite</i>	<i>86</i>
<i>Creche Pequeno Polegar em Ilha Solteira/ Larissa Kaori Kuriyama</i>	<i>89</i>
<i>EMEF Professora Lúcia Maria Donato/ Kauany Pires de Oliveira</i>	<i>91</i>
<i>CEI- Guilherme Giantomassi Gomes/ Taís Vitoria Martins de Souza</i>	<i>93</i>
<i>A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSOR PAULO FREIRE/ Sabrina Barbosa</i>	<i>95</i>
<i>Trajetória da Escola Lea Silva Moraes/ Matheus Albuquerque da Silva</i>	<i>97</i>
<i>CADA CIDADE CARREGA UM POUCO DE NÓS EM SEUS DETALHES: HISTÓRIA DE ILHA SOLTEIRA (SP) / Marcos da Cruz Alves Siqueira</i>	<i>100</i>
<i>Entre tijolos e afetos: o que a moradia me ensinou sobre existir/ Yudi Hilário da Silva</i>	<i>109</i>
<i>Moradia Estudantil – Relato/ Inah Rios</i>	<i>111</i>
<i>Conhecendo Ilha Solteira/SP: Localização, Segregação e Cultura/ Gabriel Reis de Carvalho e Patrícia Helena Milani</i>	<i>114</i>



PRÉFACIO

A obra *Quais São os Patrimônios Materiais e Imateriais de Ilha Solteira?* nasce do desejo de reconhecer, valorizar e preservar a memória viva de uma cidade que se construiu a partir da força humana, da criatividade e das expressões culturais de seu povo. Mapear os bens culturais de Ilha Solteira (SP) significa muito mais do que registrar construções, objetos ou tradições — é compreender a identidade de uma comunidade e a forma como ela se representa no tempo e no espaço.

O processo de mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais envolveu uma ampla rede de colaboradores, entre **artistas, artesãos, pesquisadores, pioneiros e estudantes**, que contribuíram com seus saberes, memórias e experiências. Essa integração entre diferentes gerações e áreas do conhecimento proporcionou uma visão plural e sensível sobre o que constitui o patrimônio cultural ilhense.

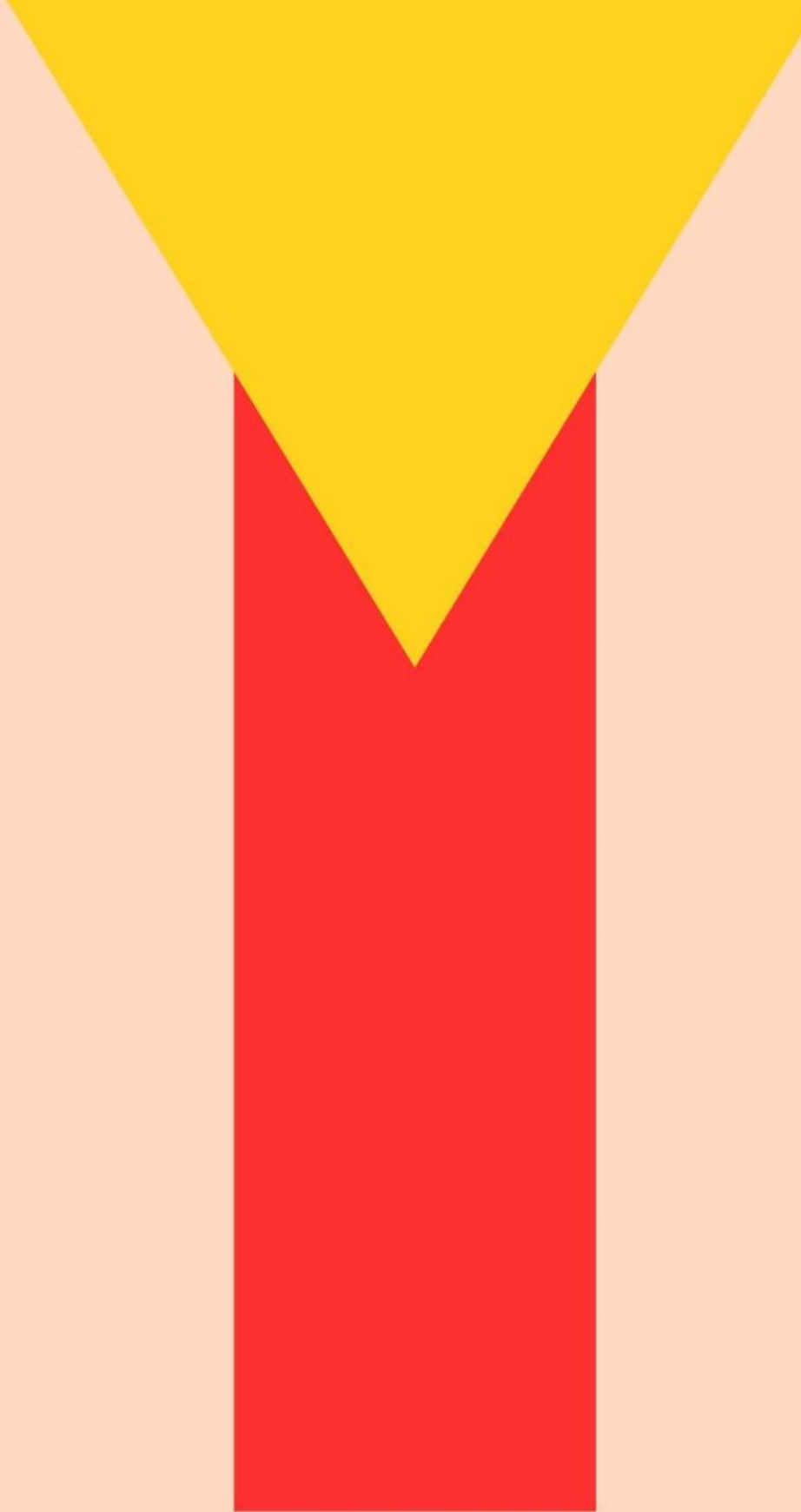
Instituições de ensino e pesquisa tiveram papel fundamental na consolidação deste projeto. O **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)**, campus de Ilha Solteira, e a **Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)**, campus de Três Lagoas, ofereceram suporte técnico, científico e humano indispensável à realização das atividades de levantamento e catalogação.

A concretização deste trabalho só foi possível graças ao apoio institucional e financeiro garantido pela **Política Nacional Aldir Blanc**, por meio do **Departamento de Cultura de Ilha Solteira**, da **Prefeitura Municipal de Ilha Solteira**, do **Ministério da Cultura** e do **Governo Federal**, no âmbito do **Edital de Fomento Aldir Blanc Ilha Solteira nº 001/2024, Processo Administrativo nº 078/2024**.

Este livro, contudo, **não se encerra em si mesmo**. Ele **estará sempre em construção**, pois **novos patrimônios, histórias e memórias** continuam a emergir, revelando a vitalidade cultural e social da cidade. Cada nova descoberta amplia o entendimento sobre o que significa pertencer a Ilha Solteira e reforça a importância de manter viva a prática de registrar e valorizar suas expressões culturais.

O presente livro é, portanto, o resultado de um esforço coletivo de pesquisa, registro e valorização das memórias e expressões culturais que compõem o mosaico identitário de Ilha Solteira. Que esta publicação inspire novas gerações a conhecer, preservar e fortalecer os laços com sua história e com as diversas formas de manifestação artística e cultural que fazem desta cidade um patrimônio vivo do interior paulista.

Gabriel Reis de Carvalho
Marcos da Cruz Alves Siqueira



PARTE I: MAPEAMENTO DOS PATRIMÔNIOS

FUNDAMENTOS DO SENSORIAMENTO REMOTO APLICADOS AO MAPEAMENTO URBANO E PATRIMONIAL

| Vitor Matheus Bacani¹

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o acelerado crescimento das cidades, o avanço do agronegócio e as mudanças ambientais intensificaram a necessidade de métodos modernos e eficientes para acompanhar, planejar e preservar os territórios. Governos, pesquisadores e gestores enfrentam desafios crescentes para mapear áreas extensas, monitorar transformações rápidas e acessar informações confiáveis sobre o espaço urbano e rural. Nesse contexto, o sensoriamento remoto (SR) tornou-se uma ferramenta essencial e estratégica, pois permite a obtenção de dados atualizados, objetivos e de ampla cobertura, apoiando decisões técnicas e políticas públicas voltadas à sustentabilidade, à gestão do território e à preservação de patrimônios culturais e ambientais.

O funcionamento do sensoriamento remoto pode ser compreendido em duas grandes fases complementares (Novo, 2010; Luchiari; Kawakubo; Morato, 2011). A primeira é a aquisição dos dados, quando sensores instalados em satélites, aviões ou drones captam a radiação refletida ou emitida pelos objetos na superfície terrestre. Essa etapa gera uma grande quantidade de dados brutos, que sozinhos pouco significam para o usuário final. A segunda fase é a análise e interpretação dos dados, na qual especialistas aplicam técnicas de processamento, integração e interpretação, convertendo os dados em informações úteis, como mapas, estatísticas ou alertas. É a partir dessa análise qualificada que se transforma o dado em informação relevante para o entendimento e a gestão dos fenômenos observados

¹ É Professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Possui Licenciatura Plena e Bacharelado em Geografia pela UFMS/CPTL (2005), mestrado em Geografia pela UFMS/CPAQ (2007) e doutorado em Geografia Física (2010) pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Desenvolveu seu estágio de Pós-Doutorado (2014-2015) no Laboratório LETG-Rennes-COSTEL da Université de Rennes 2, França, onde atualmente é pesquisador membro associado. É Docente Permanente dos cursos de Mestrado e Doutorado em Geografia da UFMS, Campus de Três Lagoas e do curso de Mestrado em Geografia do Campus Aquidauana. É docente colaborador do Mestrado em Recursos Naturais da FAENG/UFMS em Campo Grande. Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Campus de Três Lagoas (2016-2019). Tem atuado como Consultor ad hoc para várias revistas científicas. Tem experiência nas áreas de Sensoriamento Remoto, Sistemas de Informação Geográfica, Modelagem de Sistemas Ambientais, Bacias Hidrográficas, Pedologia, Zoneamento Ambiental, Ordenamento Territorial e Pantanal.

(Lillesand; Kiefer; Chipman, 2015). Por isso, o elemento central do sensoriamento remoto é a capacidade de transformar dados coletados à distância em informação confiável, útil e aplicável.

Considerando diferentes definições já consolidadas na literatura, pode-se dizer que o sensoriamento remoto é a ciência, a arte e a tecnologia voltadas à obtenção, processamento e interpretação de dados captados à distância, por meio da detecção da radiação eletromagnética (REM) refletida, emitida ou retroespalhada pelos objetos, com o objetivo de gerar informações sobre a superfície terrestre, seus elementos e dinâmicas, sem contato físico direto com os objetos de interesse. Trata-se de um campo interdisciplinar e inovador, que alia fundamentos científicos, criatividade interpretativa e avanços tecnológicos, permitindo observar, compreender e monitorar o mundo de forma eficiente, abrangente e contínua.

No contexto urbano, a capacidade do SR de gerar registros objetivos, sistemáticos e de alta resolução espacial sobre áreas extensas possibilita a elaboração de mapas temáticos detalhados, a análise multitemporal de transformações espaciais e o monitoramento do uso e cobertura da terra. Essas características são essenciais para o mapeamento de patrimônios materiais, permitindo identificar padrões construtivos, delimitar áreas de preservação e acompanhar alterações ao longo do tempo com precisão (Agapiou et al., 2015; Elfadaly et al., 2018; Moise et al., 2021; Wilson, 2021).

FUNDAMENTOS FÍSICOS DO SENSORIAMENTO REMOTO E RESOLUÇÕES DOS SENSORES

O funcionamento do sensoriamento remoto está fundamentado nos princípios da física, especialmente na interação da radiação eletromagnética (REM) com a superfície da Terra e seus objetos. A REM é o meio fundamental pelo qual as informações sobre objetos terrestres são transmitidas aos sensores, propagando-se à velocidade da luz. Essa energia, que pode ser refletida, emitida ou retroespalhada pelos alvos, carrega informações codificadas em sua frequência, intensidade ou polarização (Liu, 2015).

No sensoriamento remoto, os dados são obtidos por meio de sistemas sensores, que podem estar embarcados em satélites, aviões ou drones. Esses sensores são geralmente classificados em dois tipos principais (Novo, 2010): sensores passivos, que captam a radiação natural refletida ou emitida pelos objetos, principalmente proveniente do Sol, como é o caso de câmeras fotográficas, sensores ópticos e sensores termal, e sensores ativos, que emitem

sua própria energia em direção ao alvo e registram a energia que retorna para o sensor após ser retroespalhada pelo objeto, sendo exemplos desse tipo os radares (*Radio Detection and Ranging*) e o LiDAR (*Light Detection and Ranging*).

Para transformar a energia detectada em informação útil sobre o espaço urbano e o patrimônio, é fundamental considerar as diferentes resoluções dos sistemas sensores, que determinam a qualidade e a utilidade das imagens obtidas (Jensen, 2015). A resolução espacial refere-se ao menor tamanho de objeto que pode ser identificado em uma imagem, sendo essencial para distinguir detalhes como ruas estreitas, pequenas praças ou elementos arquitetônicos em áreas históricas. A resolução espectral diz respeito à quantidade e à largura das bandas do espectro eletromagnético que o sensor é capaz de captar; quanto maior o número de bandas, maior a capacidade de diferenciar materiais como telhados, pavimentos, áreas verdes e superfícies aquáticas. A resolução radiométrica está relacionada à sensibilidade do sensor em discriminar pequenas variações de intensidade da energia captada, permitindo identificar sutis diferenças de cor e brilho que podem indicar degradação, restauração ou mudanças no uso dos elementos urbanos. Por fim, a resolução temporal refere-se à frequência com que um sensor obtém imagens de uma mesma área, sendo fundamental para acompanhar a evolução do espaço urbano, detectar intervenções recentes em patrimônios e monitorar processos como degradação ambiental ou crescimento urbano.

Quando a radiação eletromagnética incide sobre diferentes superfícies da cidade, como telhados, calçadas, monumentos históricos, áreas verdes ou corpos d'água, ocorrem processos de reflexão, absorção, transmissão ou emissão de energia, dependendo das propriedades de cada material. O comportamento espectral de um alvo é caracterizado pela quantidade de energia que ele reflete, absorve ou emite em cada faixa do espectro eletromagnético. Essa resposta específica, chamada de assinatura espectral, permite distinguir materiais urbanos e patrimônios culturais em imagens de satélite.

Como exemplo, monumentos construídos em rocha ou alvenaria apresentam respostas espectrais diferentes em relação a áreas asfaltadas, gramados ou espelhos d'água presentes nas praças e conjuntos arquitetônicos. Da mesma forma, telhados de cerâmica, lajes de concreto, vegetação ornamental e pavimentações refletem a energia de maneiras distintas, o que possibilita identificar e mapear diferentes elementos urbanos e patrimoniais. Adicionalmente, a vegetação presente em praças e ao redor de edificações históricas se

destaca pelo alto valor de refletância no infravermelho próximo, facilitando o reconhecimento dessas áreas em estudos urbanos.

Em aplicações de mapeamento patrimonial, compreender o comportamento espectral dos materiais é fundamental para identificar os limites de sítios históricos, monitorar processos de degradação ou intervenções recentes, e diferenciar entre componentes do espaço urbano que compõem o acervo cultural da cidade. Assim, o conhecimento dessas assinaturas espectrais, aliado à escolha adequada das resoluções espaciais, espectrais, radiométricas e temporais, contribui diretamente para a elaboração de mapas detalhados e para a definição de estratégias eficazes de preservação e gestão do patrimônio urbano.

POTENCIALIDADES, LIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS DO SENSORIAMENTO REMOTO PARA O PATRIMÔNIO URBANO

O sensoriamento remoto destaca-se como uma ferramenta estratégica para o mapeamento, monitoramento e gestão do patrimônio urbano. Entre suas principais potencialidades está a capacidade de gerar dados em diferentes escalas, abrangendo desde o registro detalhado de edificações históricas até a análise de grandes áreas urbanas. O uso de imagens de satélite, fotografias aéreas e dados de drones possibilita identificar padrões construtivos, acompanhar alterações em praças, monumentos e áreas tombadas, além de documentar transformações na paisagem ao longo do tempo (Novo, 2010).

A integração com tecnologias avançadas, como a Inteligência Artificial e o Big Data, vem ampliando ainda mais essas possibilidades. Técnicas de aprendizado profundo, como o Deep Learning, têm sido empregadas para o reconhecimento automático de elementos patrimoniais em imagens de alta resolução, tornando o processo de inventário e monitoramento mais ágil e preciso (Su, 2024). Além disso, o sensoriamento remoto, aliado à modelagem computacional, permite simular cenários futuros e avaliar os impactos de novas construções, políticas de uso da terra ou mudanças climáticas sobre bens culturais. Essas ferramentas oferecem suporte ao planejamento preventivo e à tomada de decisões embasadas em dados, otimizando a preservação e a gestão do patrimônio (Novack; Silva-Nobre; Clemente, 2019).

No entanto, persistem limitações técnicas e operacionais. A resolução das imagens pode não ser suficiente para captar detalhes arquitetônicos muito pequenos, e fatores como sombras, vegetação densa ou superfícies urbanas similares dificultam a diferenciação entre

materiais e elementos, impactando a acurácia dos resultados (Silva; Oliveira, 2024). O acesso a dados de alta qualidade pode ser restrito devido a custos ou disponibilidade, especialmente em contextos municipais de países em desenvolvimento, e outro desafio relevante é a necessidade de formação técnica adequada para interpretar corretamente os dados produzidos por essas tecnologias, o que representa uma barreira para gestores e equipes de preservação, muitas vezes carentes de recursos humanos e capacitação específica (Rontani; Dionizio; Dezen-Kempter, 2024). Portanto, embora as tecnologias de IA, Big Data e sensoriamento remoto estejam revolucionando o campo da preservação patrimonial, sua plena implementação ainda depende da superação de desafios relacionados à qualidade dos dados, à capacitação técnica e à infraestrutura disponível.

A integração de dados provenientes do sensoriamento remoto com informações históricas, registros cadastrais e o envolvimento da comunidade é fundamental para garantir a efetividade e a legitimidade das ações de preservação. O futuro aponta para o uso cada vez mais democrático e inovador dessa tecnologia, com sensores mais avançados, plataformas de análise acessíveis e metodologias participativas, tornando o sensoriamento remoto um aliado indispensável para a valorização, a proteção e o planejamento do patrimônio urbano frente aos desafios das cidades contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sensoriamento remoto consolidou-se como uma tecnologia essencial para o entendimento, planejamento e gestão dos territórios urbanos e do patrimônio cultural. Sua capacidade de captar, analisar e transformar dados em informações detalhadas e atualizadas tornou-se estratégica frente aos desafios contemporâneos de crescimento das cidades, mudanças ambientais e necessidade de preservação do acervo histórico e cultural.

Ao unir fundamentos físicos, avanços tecnológicos e metodologias inovadoras de análise, o sensoriamento remoto permite enxergar as cidades em múltiplas escalas e dimensões. A precisão e a abrangência dos sistemas sensores, combinadas ao uso de resoluções espacial, espectral, radiométrica e temporal adequadas, viabilizam o mapeamento de áreas extensas e a identificação de detalhes fundamentais para a proteção e valorização dos patrimônios urbanos.

A incorporação de ferramentas de Inteligência Artificial, Big Data e modelagem preditiva amplia ainda mais o potencial de uso do sensoriamento remoto, possibilitando análises dinâmicas, automáticas e projeções de cenários futuros. Esses avanços tornam a tecnologia não apenas um instrumento de documentação, mas um suporte decisivo para o monitoramento, a prevenção de riscos e o planejamento sustentável das cidades.

Apesar das limitações técnicas e operacionais ainda existentes, como questões de resolução, acesso aos dados e necessidade de formação especializada, as perspectivas são promissoras. O desenvolvimento contínuo de sensores, a democratização dos dados e a integração com outras fontes de informação apontam para um uso cada vez mais acessível, eficiente e participativo do sensoriamento remoto no campo urbano e patrimonial.

Diante desse cenário, o sensoriamento remoto se firma como uma ferramenta indispensável para a construção de cidades mais inteligentes, sustentáveis e comprometidas com a memória e a identidade de suas comunidades, promovendo a valorização e a salvaguarda do patrimônio diante dos desafios do século XXI.

REFERÊNCIAS

AGAPIOU, A. et al. Cultural heritage management and monitoring using remote sensing data and GIS: The case study of Paphos area, Cyprus. **Computers, Environment and Urban Systems**, v. 54, p. 230-239, 2015.

ELFADALY, A. et al. Management of cultural heritage sites using remote sensing indices and spatial analysis techniques. **Surveys in Geophysics**, v. 39, p. 1347-1377, 2018.

JENSEN, J. R. **Introductory digital image processing: a remote sensing perspective**. 4. ed. Boston: Pearson, 2015.

LILLESAND, T.; KIEFER, R. W.; CHIPMAN, J. **Remote sensing and image interpretation**. 6. ed. John Wiley & Sons, 2015.

LUCHIARI, A.; KAWAKUBO, F. S.; MORATO, R. G. **Técnicas de sensoriamento remoto**. In: VENTURI, L. A. B. (org.). Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula. 2. ed. São Paulo: Sarandi, 2011. p. 231-254.

MOISE, C. et al. Remote sensing for cultural heritage assessment and monitoring: the case study of Alba Iulia. **Sustainability**, v. 13, n. 3, 2021.

NOVACK, F. C.; SILVA-NOBRE M. dos S. F. da; CLEMENTE, C. Mapeamento do Patrimônio Histórico e Cultural de Cuiabá-MT: tecnologias aplicadas, representatividade e história. **Revista Científica ANAP Brasil**, São Paulo, Brasil, v. 12, n. 27, 2019.

NOVO, E. M. L. de M. **Sensoriamento remoto**: princípios e aplicações. 4. ed. São Paulo: Blucher, 2010.

RONTANI, S. P.; DIONIZO, R. F.; DEZEN-KEMPTER, E. Data collection approaches for cultural heritage preservation. **PARC: Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 15, n. 00, p. 024014, 2024.

SILVA, C.; OLIVEIRA, L. Artificial Intelligence at the Interface between Cultural Heritage and Photography: A Systematic Literature Review. **Heritage**, v. 7, n. 7, p. 3799-3820, 2024.

SUN, Y. High-resolution image processing and entity recognition algorithm based on artificial intelligence. **Journal of Intelligent Systems**, v. 33, n. 1, p. 20230245, 2024.

WILSON, A. The use of remote sensing and digital tools for cultural heritage management and archaeological research. **Levant**, v. 53, n. 3, p. 384-388, 2021.

A urbanização da cidade de Ilha Solteira: contribuições das memórias de um professor universitário | Lucimara Aparecida dos Reis²

INTRODUÇÃO

Atualmente, sabe-se que a história, enquanto ciência, exige da maioria de suas pesquisas a busca por informações precisas provenientes das mais variadas origens. No entanto, observa-se uma valorização excessiva da fonte escrita. Por outro lado, emerge outro tipo de fonte, que pode ser considerado crucial neste contexto: a fonte oral. Considera-se que a fonte escrita, com frequência, não fornece um panorama completo ou eloquente sobre o objeto de estudo, justamente porque nem sempre os documentos registrados contemplam pormenores que não devem ser ignorados.

Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo identificar elementos relacionados à organização, estruturação e desenvolvimento do espaço urbano da cidade de Ilha Solteira, por meio da perspectiva de um morador e docente da UNESP, presente na cidade desde 1979. Para tanto, analisaram-se as memórias do entrevistado, um dos primeiros professores da UNESP na cidade, oriundo do interior do Maranhão. Essa análise foi realizada por meio de um questionário semiestruturado, composto por cinco questões abertas, com o propósito de que o entrevistado compartilhasse suas memórias sobre a “estruturação urbana da cidade de Ilha Solteira”.

Para fundamentar as discussões, abordaram-se diversos elementos da vida pessoal do entrevistado, como: vinda para o Sudeste, decisão de se tornar professor universitário, segurança da cidade, construção da Usina Hidroelétrica de Ilha Solteira, família, emancipação do município, presença da UNESP na cidade e trajetória profissional. Tais temas, embora secundários, contextualizam a vida do entrevistado em Ilha Solteira, oferecendo suporte ao enfoque central do estudo: o urbanismo da cidade.

² Professora e pesquisadora na rede municipal de Jales (SP). Historiadora.

A construção da Usina Hidroelétrica de Ilha Solteira, às margens do Rio Paraná, em 1968, exigiu a implantação de moradias para os trabalhadores que se deslocaram de diversas regiões do país, contribuindo para o desenvolvimento regional. Ressalta-se que a referida usina impulsionou o crescimento do estado de São Paulo, que até então dependia de pequenas centrais hidroelétricas com produção insuficiente para atender à demanda industrial da época.

Ao final de 1976, com o término da construção da usina, surgiu um dilema político sobre o futuro da cidade: transformá-la em um presídio ou instalar uma universidade estadual que pudesse fomentar o desenvolvimento da região noroeste paulista. Por influência do governador da época, Paulo Egídio, a opção pela universidade prevaleceu. Assim, em 1977, foi criado em Ilha Solteira o primeiro polo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, cuja reitoria, por estatuto, possui sede na cidade. No entanto, questões logísticas e administrativas fizeram com que, na prática, sua reitoria funcionasse em São Paulo.

A criação da UNESP em Ilha Solteira trouxe incentivos para a migração de docentes, como facilidades na aquisição de moradia, deslocamento e longo período para realização de mestrado e doutorado. Após 35 anos, a cidade apresenta significativo desenvolvimento, sustentado por oito cursos de graduação, cinco de pós-graduação, aproximadamente 2.500 alunos, além da Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP) e outras indústrias, como usinas de cana-de-açúcar e celulose (Sávio, 2011).

O processo de desenvolvimento urbano, especialmente entre 1977 e 2012, pode ser compreendido a partir de relatos de personagens que vivenciaram a transformação da cidade, como docentes ativos ou prestes a se aposentar. Um dos entrevistados, presente em Ilha Solteira desde 1979 e natural do Maranhão, constituiu família na cidade e acompanhou sua trajetória de crescimento, sendo, portanto, uma fonte privilegiada de informações.

Segundo Chizzotti (2006), a história oral surgiu como instrumento de transferência cultural e das tradições, sendo desvalorizada no século XIX em prol de um caráter científico objetivo. No século XX, com a Escola dos Annales, novos métodos de pesquisa enfatizaram o cotidiano e incorporaram fontes diversas, ampliando a análise social além das elites e instituições.

Garnica (2011) destaca que o trabalho com fontes orais “envolve a criação de fontes a partir da oralidade”, permitindo que a intenção do pesquisador oriente a análise. A entrevista

semiestruturada, realizada de acordo com esse princípio, possibilitou flexibilidade e aprofundamento na coleta de informações, respeitando os limites e características do entrevistado (MONTENEGRO, 1992; GARRIDO, 1993).

A escolha do entrevistado considerou seu conhecimento singular sobre a cidade, seu envolvimento com a UNESP e sua experiência de vida local. As recomendações metodológicas de Garrido (1993) sobre amostra, tipo de entrevista, postura do entrevistador, ambiente da entrevista e tratamento da informação foram rigorosamente observadas.

A fonte oral, como ressaltam Garrido (1993), Quintana e Vilanova, atua como complemento à fonte escrita, enriquecendo o material histórico com nuances subjetivas, desmistificando narrativas elitistas e recuperando memórias de grupos tradicionalmente excluídos. Maurice Halbwachs (1990) destaca a distinção entre memória coletiva e história, enfatizando a necessidade de registro escrito apenas quando a tradição e a memória não mais se preservam.

Dessa forma, o estudo das memórias do docente da UNESP permite compreender o processo de urbanização de Ilha Solteira de maneira mais completa, combinando registros escritos e orais, e valorizando a perspectiva de atores que vivenciaram diretamente a transformação da cidade.

1.2. Características da cidade de Ilha Solteira



Foto1: Vista aérea do início da construção do núcleo habitacional. Fonte: <http://ilhasolteiraambiental.blogspot.com.br/2010/06/registro-fotografico-ilha-solteira-no.html>

A cidade de Ilha Solteira está localizada no extremo noroeste do Estado de São Paulo, a 680 km da capital. Sua posição geográfica é determinada pelas coordenadas 20 25' 58" de latitude sul e 51 20' 33" de longitude oeste e sua altitude é de 374 metros acima do nível do mar (Sávio, 2011).

Segundo Sávio (op. cit.), o município possui 639,4 km² e seu território prolonga-se, em boa parte, pela margem paulista do rio Paraná, na divisa com Mato Grosso do Sul. Situado numa região caracterizada pelo clima quente e semiúmido (zona de transição entre o regime tropical do Brasil Central e o subtropical do sul do país), com temperatura anual de 28 (símbolo graus) podendo alcançar 32 em temperaturas médias máximas.

A cidade possui 25.100 habitantes, sendo que 94% da população moram na zona urbana, e o restante 6% na zona rural. O IDH (Índice de Desenvolvimento Urbano) de Ilha Solteira ocupa o 9º lugar entre os municípios do Estado de São Paulo e o 29º do Brasil. (Sávio, 2011).

Quando se divide o PIB (Produto Interno Bruto) de Ilha Solteira pelo número de habitantes fica evidente a importância da usina hidroelétrica para a formação e estruturação da cidade. Considerado elevado, o PIB da cidade é de R\$ 41.629,00\ ano (IBGE, 2008), maior que o da cidade de Araçatuba R\$15.035,53 (IBGE, 2008), cidade está que possui aproximadamente 184.000 habitantes (Sávio, 2011).

Ainda de acordo com Sávio (op. cit), o núcleo urbano da cidade está atrelado à construção da Usina hidroelétrica de Ilha Solteira. Além dos *royalties*, a alta arrecadação de impostos se explica pelo ICMS que passou a ser cobrado sobre o consumo de energia, desde 1989. O Estado recebe esse imposto e repassa para os municípios onde a energia é gerada, aqui no caso, Ilha Solteira.

De acordo com CESP (1988), a cidade de Ilha Solteira foi construída para os "barrageiros". Denomina-se barrageiro, qualquer pessoa que desempenha alguma atividade ligada à construção de uma barragem. Esta denominação não se refere apenas ao trabalhador do canteiro de obras de uma usina, mas a todos os tipos de profissionais que estão diretas ou indiretamente envolvidos na obra, como médicos, assistentes sociais, administradores, engenheiros dentre outros.

Os trabalhadores das barragens cumpriam jornadas diárias de 12 horas de trabalho árduo, sem feriados e férias. As moradias e os funcionários da Cesp eram divididos em níveis de acordo com a função que desempenhava na usina.



Foto 2: Vista aérea das casas geminadas e divididas em níveis. Fonte: <http://www.agr.feis.unesp.br/Ilha%20Solteira%20contrastes.pdf>

A construção do núcleo habitacional, evidentemente, exigiu um planejamento, planejamento este que colocou Ilha Solteira em vantagens em relação à origem dos outros municípios já que, Ilha Solteira, nasceu com infraestrutura. Com características de um condomínio, a cidade possuía portarias, controle sobre visitantes. Todas as casas com água encanada, saneamento básico e eletricidade. A administração da cidade era feita pela CESP (Companhia Energética do Estado de São Paulo) responsável pela construção da usina (SÁVIO, 2011).

Com a conclusão da construção da usina em 1973 surgiu um dilema: qual seria o futuro do núcleo urbano que se estruturou para a construção da Usina de Ilha Solteira. Reza a história que o então Presidente da Cesp tinha a intenção de transferir toda a população de Pereira Barreto para Ilha Solteira, já que a cidade estava se esvaziando. Na época, Ilha Solteira era Distrito de Pereira Barreto. Outra possibilidade aventada foi a de transformar o núcleo urbano em uma cidade-penitenciária (SÁVIO, 2011).

A Cesp tinha a clara intenção de abrir mão da administração da cidade e apoiar o movimento dos moradores que se mobilizaram e se organizaram para que Ilha Solteira continuasse o desenvolvimento urbano que já estava em curso.

Formou-se então, uma Comissão em prol da emancipação de Ilha Solteira que enfrentaria um longo processo até a cidade se tornar legalmente um município. Após inúmeras batalhas judiciais, foi delimitado o território do município e em 1991 a população ilhense foi às urnas para votar contra ou a favor da emancipação do município. Após uma eleição favorável à emancipação, em dezembro de 1999, Ilha Solteira foi elevada a categoria de município.

Existe uma Ilha no meio do rio Paraná que originou o nome da cidade. Batizada pelos pioneiros da região, Ilha Solteira, a pequena Ilha possui uma vasta vegetação, com aproximadamente 15 quilômetros de extensão, situa-se abaixo de onde foi construída a usina que foi a primeira a receber o seu nome, nome este que se estendeu ao município. (Sávio, 2011).



Foto 3: Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, próxima à usina no centro do rio a Ilha que deu o nome à cidade. Fonte: <http://ilhasolteiraambiental.blogspot.com.br/2011/04/ilha-solteira-do-rio-parana.html>

A construção da usina foi essencial para a existência do núcleo habitacional de Ilha Solteira, e O Campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP) foi a garantia de sua sobrevivência. A Universidade trouxe para Ilha Solteira um aumento populacional, rotativo, porém significativo e contínuo. O Campus da UNESP atende 2.200 alunos oriundos de todo o

país que movimenta a economia local, mantém uma intensa vida noturna e proporciona a Ilha Solteira mais um adjetivo: o de cidade universitária.

Foto 4: UNESP. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=458076>



Fundado em 1976, o Campus da Universidade Estadual Paulista possui oito cursos de graduação: Agronomia, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Zootecnia, Física, Matemática e Ciências Biológicas e conta, ainda, com cinco programas de pós-graduação. A presença da Universidade trouxe para Ilha uma população acadêmica de 200 professores doutores.

O turismo também é fonte de renda para Ilha Solteira. Elevada a instância turística no ano de 1.999 pelo governo do Estado de São Paulo (SÁVIO, 2011).

Devido ao represamento das águas do Rio Paraná formou-se um grande lago que é utilizado para esportes náuticos, pescarias e para banho já que em uma de suas margens se formaram praias fluviais belíssimas.



Foto 5 – Praias pluviais. Disponível em:

http://www.ilhasolteira.com.br/paginas/index.php?acao=mostrar&num_secao=1119128554&id=1119129263.

Acesso em: 28 out. 2025.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em Educação**. Caderno de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 77, p. 53-61, maio 1991.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994. 336 p.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

COMPANHIA ENERGÉTICA DE SÃO PAULO – CESP. **Ilha Solteira**: a cidade e a usina. Fascículos da História da Energia Elétrica em São Paulo. São Paulo: CESP, 1988. 93 p.

GARNICA, A. V. M. **História oral e história da educação matemática**: considerações sobre um método. In: I Congresso Iberoamericano de História da Educação Matemática, 2011, Covilhã, Portugal. Atas do I Congresso Iberoamericano de História da Educação Matemática. Covilhã: [s.n.], 2011.

GARRIDO, J. A. **As fontes orais na pesquisa histórica**: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História, v. 13, mar. 1993.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JANOTTI, M. L. M.; ROSA, Z. P. **História oral**: uma utopia? Revista Brasileira de História, v. 13, mar. 1993.

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória**. São Paulo: Contexto, 1992.

SÁVIO, F. **Ilha Solteira**: um sonho, uma história. Ilha Solteira: THS, 2011.

A HISTÓRIA DA USINA ILHA SOLTEIRA: A NATUREZA EM PROL DA ENERGIA | Maria José Lima-Sabbag³ e Omar Jorge Sabbag⁴

Você já parou para pensar sobre como a energia chega até sua casa? Bem, é provável que a Usina Hidrelétrica (UHE) Ilha Solteira tenha um papel importante nisso! Localizada no rio Paraná, na divisa entre São Paulo e Mato Grosso do Sul, essa usina é uma das principais fontes de energia do Brasil, sendo a 6ª maior UHE em geração de energia no país.

Como Tudo Começou

A construção da usina começou em 1965 e levou cerca de 13 anos para ser concluída, com seu término em 28/12/1978, totalizando 20 máquinas geradoras. Foi um projeto ambicioso que visava aproveitar o potencial do rio Paraná para gerar energia. E não foi à toa! Com uma potência instalada de 3.444 MW, a usina é capaz de gerar energia suficiente para abastecer milhões de pessoas.

Importância para a Região

A Usina Ilha Solteira é mais do que apenas uma fonte de energia. Ela é um motor para o desenvolvimento econômico e social da região. Além de fornecer energia para o SIN (Sistema Interligado Nacional, em conexão com outras fontes geradoras de energia, como termelétrica, eólicas e nucleares), a usina também ajuda a controlar as cheias do rio Paraná, beneficiando a agricultura e a pesca.

Desafios e Cuidados com o Meio Ambiente

É claro que a construção da usina teve seus desafios, especialmente em termos de impacto ambiental. No entanto, a usina opera de acordo com as normas ambientais vigentes e implementa medidas para minimizar os impactos negativos e promover a conservação do meio ambiente.

Uma Lenda Local: A Velha Barrageira

Mas a Usina Ilha Solteira também tem uma lenda local interessante. Segundo a história, uma mulher idosa, conhecida como a "Velha Barrageira", teria amaldiçoado a usina durante sua construção, causando problemas e desfortúnios aos trabalhadores. Embora seja apenas

³ Professora na cidade de Ilha Solteira. Participa do Clube de Leitura Ler e Viver.

⁴ Possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/FEIS (2000), mestrado em Agronomia (sistemas produtivos e gestão) pela UNESP/FEIS (2002), doutorado em Geografia (planejamento ambiental e gestão) pela UNESP/FCT (2006) e pós-doutorado em Zootecnia (políticas públicas e desenvolvimento) pela UNESP/FEIS (2012).

uma lenda, ela reflete as preocupações e os medos das comunidades afetadas pela construção da usina.

Fatos Interessantes sobre a Usina Ilha Solteira

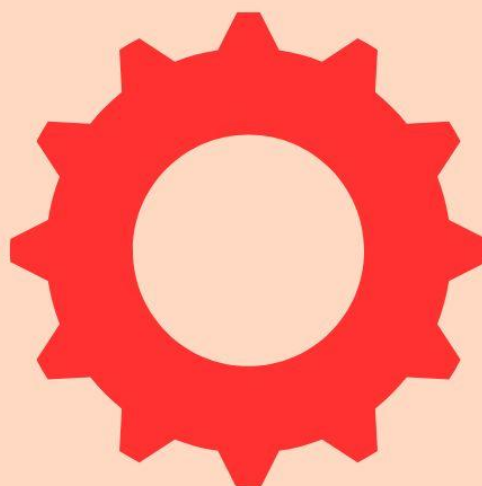
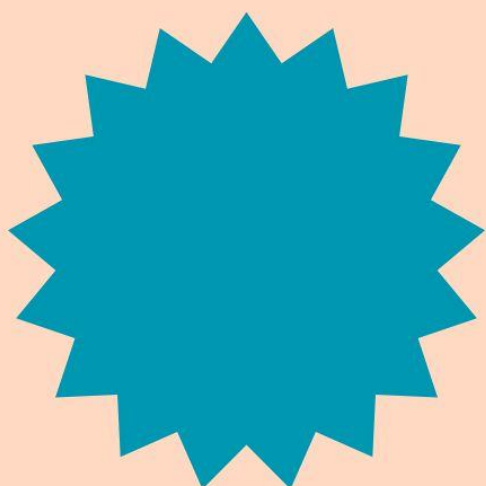
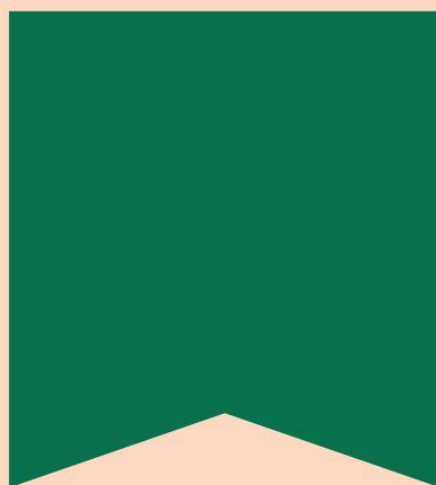
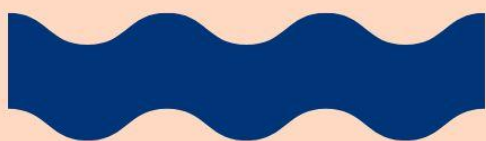
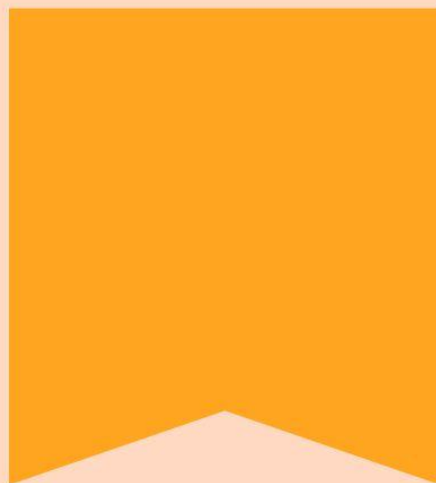
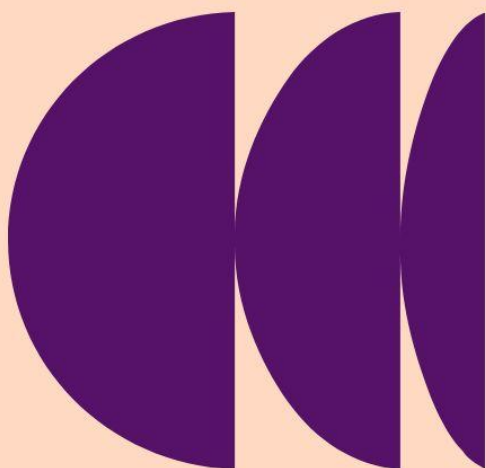
A Usina Hidrelétrica Ilha Solteira é uma das maiores usinas hidrelétricas do Brasil, com um reservatório que cobre uma área de aproximadamente 1.195 km², com uma extensão de 6.605m no rio Paraná e altura de barragem de 74m. É atualmente operada pela *China Three Gorges Corporation* (CTG) desde 01/06/2016, que possui 12 usinas hidrelétricas e duas pequenas centrais hidrelétricas distribuídas nos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Goiás e desempenha um papel fundamental no fornecimento de energia para o país. Esses números impressionantes mostram a importância da usina para o SIN (Sistema Interligado Nacional).

Breves considerações

Em poucas palavras, a Usina Hidrelétrica Ilha Solteira é um exemplo de como a energia renovável pode impulsionar o desenvolvimento econômico e social de uma região. Com sua história de mais de 50 anos, com sua data comemorativa de 18/07/1973 (data em que iniciou a 1ª unidade geradora), a usina continua a ser uma fonte importante de energia para o Brasil, fornecendo eletricidade para milhões de pessoas e contribuindo para o crescimento do país. É um testemunho da importância da inovação e do investimento em energia sustentável!

Registros dos autores:





PARTE II: FESTAS, FESTIVAIS, FOLIAS E FEIRAS

Teatro de Ilha Solteira | Rhayanne Mickaelly Alves Gomes Da Silva⁵

O teatro em Ilha Solteira teve início em 1969, com um projeto idealizado por Roque Orrico, que criou um grupo teatral para encenar a peça *A cigana me enganou*. A apresentação foi um grande sucesso na cidade, contando com a participação de pessoas que tiveram papéis importantes na história do teatro local.

Roque Orrico entrou em contato com Procópio Ferreira, um renomado autor e diretor teatral que possuía uma companhia (Cia) em São Paulo. Durante essa conversa, destacou o talento de alguns de seus atores, entre eles Adilson Nascimento, que ganhou notoriedade com a peça. Impressionado, Procópio Ferreira ofereceu uma oportunidade para que Adilson e a atriz Maria continuassem suas carreiras em São Paulo e no Rio de Janeiro. No entanto, por questões de idade, ambos não puderam aceitar o convite.

Em 1974, surgiu uma nova oportunidade: a montagem da peça *O Auto da Compadecida*. O grupo de Ilha Solteira foi convidado para participar de um festival na cidade de Castilho, que reuniu diversos municípios. A peça conquistou prêmios nas categorias de melhor direção, melhor espetáculo e melhor autor, mesmo com apenas 45 dias de ensaio.

Na época, existiam diferentes grupos teatrais na cidade, entre eles o Grupo Gruta (Grupo de Teatro Amador), voltado ao teatro infantil, que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da arte cênica em Ilha Solteira. Ao longo dos anos, diversos projetos e montagens trouxeram troféus e reconhecimento para o município, além de promoverem entretenimento e estimularem a participação popular.

A continuidade desse legado se deu por meio de Melissa Nascimento, filha de Adilson Nascimento. Ela iniciou sua trajetória artística ao lado do pai e, posteriormente, formou-se em Artes Cênicas em outra cidade. Em 2014, Melissa retornou a Ilha Solteira e, junto de seu esposo, Paulo Jordão, fundou a Cia Melissa & Paulo Teatro.

⁵ Estudantes da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

A companhia foi criada em 2014 e conta com mais de 30 anos de experiência artística acumulada entre seus fundadores. Em parceria com o Departamento de Cultura, desenvolveram o Projeto Teatro Escola, realizando mais de 30 espetáculos, contações de histórias e diversas intervenções culturais. Há mais de uma década, ministram aulas e promovem montagens teatrais na cidade, com sede no Passeio Uberaba, 403 – Zona Sul.

Em 2017, criaram o Projeto Uniarte, que recebeu parceria da CTG Brasil, possibilitando bolsas de formação e expansão das atividades para outros estados, como São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás e Santa Catarina. Durante a pandemia de 2020 e 2021, a companhia adaptou suas atividades para o formato on-line, estreando diversas contações de histórias por meio do projeto Cultura em Casa Ilha Solteira.

Grupo Paiol – 1974 a 2010

Em 1974, surgiu uma nova oportunidade: a montagem da peça O Auto da Compadecida. O grupo de Ilha Solteira foi convidado para participar de um festival na cidade de Castilho, que reuniu diversos municípios. A peça conquistou prêmios nas categorias de melhor direção, melhor espetáculo e melhor ator, mesmo com apenas 45 dias de ensaio.

O elenco da peça então resolve fundar o “Grupo Paiol de Teatro, Dança e Poesia”, ganhando vários prêmios em Festivais e Mapas Culturais do Estado, em suas diversas montagens, encerrando suas atividades em 2010.

Grupo Desde Amanhã

O município passa a receber a partir de 2011, o Projeto Ademar Guerra, no qual designa um profissional de teatro para ministrar cursos de teatro e oferecer qualificação técnica e artística para grupos de teatro. Das várias edições do projeto surge o Grupo Desde Amanhã, formado por crianças e jovens. O grupo realizou diversos espetáculos e performances, se dissolvendo em 2015.

Atualmente, o teatro em Ilha Solteira permanece ativo, com múltiplos projetos e festivais que promovem lazer, educação, relaxamento e diversão. O teatro tem sido também uma importante ferramenta de formação artística e uma oportunidade profissional para a comunidade local, especialmente nas escolas.

Fotos enviadas pelo ator e produtor Paulo Jordão:



REFERÊNCIAS:

JORDÃO, Paulo. **Lei Emergencial Cultural Aldir Blanc apresenta: Adilson Nascimento.** Facebook, 2025. Disponível em: <https://www.facebook.com/culturaissa/videos/148170463727921/?rdid=WECOkGIRxi5nbcdS#>. Acesso em: 21 set. 2025.

JORDÃO, Paulo. **Portfólio Cia Melissa & Paulo.** 2024. Disponível em: <file:///C:/Users/wwwpy/Downloads/PORTFOLIO%20CIA%20MELISSA%20E%20PAULO%20atu%20alizado.pdf>. Acesso em: 21 set. 2025.

O Espaço do Artesão: Um Patrimônio Cultural Vivo e Imprescindível | Judy Bell Lee França⁶

Em um mundo cada vez mais acelerado e dominado pela tecnologia, onde as memórias das tradições ancestrais se perdem diante da industrialização em massa, um espaço resiste como uma cápsula do tempo, protegendo e preservando aquilo que é genuinamente nosso. O Espaço do Artesão em Ilha Solteira não é apenas um local de trabalho manual, mas sim um patrimônio cultural que respira história, cultura e emoção.

Este espaço nasceu da união de mulheres que, em 1994, se reuniam nas calçadas para trocar ideias e confeccionar peças artesanais, e hoje é um símbolo de resistência à homogeneização cultural imposta pelas pressões do mundo moderno. Ele é mais do que um edifício: é um verdadeiro silo cultural, onde as tradições e saberes ancestrais são guardados, protegidos e, mais importante ainda, transmitidos para as futuras gerações.

Neste relato, exploraremos a importância desse espaço para a comunidade local, a luta pela conquista de um local definitivo e o papel do Espaço do Artesão como guardião da nossa memória afetiva e cultural. O Espaço do Artesão não é apenas um local de preservação de técnicas artesanais; ele é um reflexo da história de uma comunidade que, ao longo dos anos, tem se esforçado para manter viva a cultura popular e as tradições manuais.

A luta das artesãs que fundaram a Associação dos Artesãos de Ilha Solteira em 1995 é uma história de perseverança, união e amor pela arte. Este relato busca evidenciar a relevância cultural do espaço, como ele se tornou um pilar de fortalecimento social e valorização feminina, além de destacar sua importância como patrimônio material da cidade e da região.

Ao longo deste texto, abordaremos a trajetória do Espaço do Artesão, suas origens, sua luta por um espaço próprio, a contribuição para a preservação das técnicas artesanais e, por fim, o papel de fortalecimento das mulheres que ali encontram não só uma ocupação, mas também um caminho para a autossuficiência e o empoderamento. A história do Espaço do Artesão começa, de forma singela, em 1994, com um encontro de mulheres na calçada.

⁶ Artesã na cidade de Ilha Solteira. Oficineira. Integrante da Associação dos Artesãos de Ilha Solteira.

Esse ponto de encontro não era apenas uma oportunidade de compartilhar experiências e criar, mas também uma manifestação do desejo de preservação de técnicas que poderiam facilmente desaparecer diante da força das mudanças que o mundo atravessava.

Naquela época, as mulheres se reuniam para conversar e criar peças artesanais que refletiam sua identidade, suas raízes e suas histórias. O tempo passou, e a calçada se tornou pequena para abrigar todos os sonhos e os anseios dessas mulheres. O que começou como um simples ponto de encontro ganhou forma, e em 19 de março de 1995, nasceu oficialmente a Associação dos Artesãos de Ilha Solteira.

A associação começou a dar seus primeiros passos, mas as artesãs ainda não tinham um espaço próprio. Por muitos anos, elas ocuparam espaços emprestados, sem o poder de tomar decisões sobre o local em que trabalhavam, e muitas vezes se viam obrigadas a mudar de lugar, o que dificultava a continuidade de seus trabalhos e o fortalecimento de sua rede.

A luta por um local permanente e digno era constante, mas, apesar das dificuldades, essas mulheres nunca desistiram. Elas acreditavam que a cultura e o saber popular eram tesouros preciosos e que, com união e força, poderiam conquistar seu próprio espaço.

Após mais de três décadas de luta e resistência, o sonho dessas mulheres se tornou realidade. Em uma batalha árdua e com a ajuda de um convênio firmado entre o COMTUR, a Prefeitura Municipal e o DADITUR, o Espaço do Artesão ganhou sua casa definitiva. Esse espaço não é apenas um imóvel de tijolos, telhado e portas. Ele é um verdadeiro abrigo para a cultura, onde o saber ancestral é acolhido e preservado. Ao entrar nesse espaço, somos transportados para uma realidade onde o artesanato e a tradição são preservados com um cuidado quase reverencial.

No Espaço do Artesão, o que encontramos não são apenas produtos acabados, mas histórias e sentimentos entrelaçados em cada peça. As técnicas que ali são praticadas são as mesmas que atravessaram gerações, passadas de mãe para filha, de avó para neta, em um ciclo interminável de aprendizado e troca. Pontos de bordado como rococó, reto, cheio, corrente, haste, cruz, pé de galinha, palito, folha, pirueta e outros pontos decorativos continuam a ser feitos à mão, com uma precisão e dedicação que só a arte manual pode oferecer.

Esses pontos, muitas vezes esquecidos nas grandes cidades e nas escolas, continuam vivos e preservados no Espaço do Artesão, carregando consigo a memória de uma comunidade que não quer ver sua história ser apagada. Além dos bordados, o Espaço do Artesão é um local onde se preservam e se ensinam outras técnicas quase extintas, como o crochê, o tricô, o macramê, o hardanger, o vagonite, o oitinho, o richelieu, entre tantas outras.

Cada uma dessas técnicas carrega em si um conhecimento milenar, um saber que é transmitido por aquelas que dedicam suas vidas a manter vivas essas tradições. As bonecas de pano, as pinturas em tela e em vidro com decupagem, a costura criativa, e as bolsas e tapetes de crochê são apenas algumas das manifestações culturais que encontramos no Espaço do Artesão, cada uma delas representando um pedaço da história de Ilha Solteira e da região.

Num mundo em que a industrialização em massa ameaça a existência do artesanato, o Espaço do Artesão surge como uma resistência. A globalização, que traz consigo a homogeneização de culturas e o enfraquecimento das tradições locais, coloca o artesanato em risco de desaparecimento. As técnicas manuais, que por tanto tempo foram passadas de geração em geração, estão sendo gradualmente substituídas pela produção em série, pela falta de tempo e pela falta de interesse das novas gerações. Nesse contexto, o Espaço do Artesão se torna não apenas um preservador da cultura, mas também um defensor da memória afetiva. Ao reviver práticas como a manta de bebê feita pela avó, o vestidinho de crochê, o pano de prato pintado à mão, o Espaço do Artesão oferece à comunidade não apenas produtos, mas emoções e recordações que são impossíveis de encontrar nas prateleiras das lojas industriais. Este espaço se torna, assim, uma verdadeira cápsula do tempo. Cada ponto bordado, cada peça de crochê, é uma semente do passado que, ao ser plantada no presente, floresce para o futuro.

O Espaço do Artesão é onde as tradições se preservam, se renovam e se transformam, garantindo que o legado cultural de Ilha Solteira nunca se perca. Além de ser um patrimônio cultural, o Espaço do Artesão desempenha um papel crucial na transformação social de mulheres em estado de vulnerabilidade. Ao oferecer a essas mulheres a oportunidade de aprender e praticar técnicas artesanais, o espaço se torna um ponto de empoderamento e valorização pessoal.

Ao se dedicarem a produzir peças com as próprias mãos, elas descobrem suas habilidades, resgatam sua autoestima e, muitas vezes, garantem uma renda extra ou até

mesmo a autossuficiência financeira. O Espaço do Artesão não é apenas um local de trabalho; é também um espaço de crescimento pessoal e comunitário, onde o fortalecimento das mulheres é uma das maiores conquistas. O Espaço do Artesão é um testemunho da resistência cultural, da preservação de saberes e da valorização do trabalho manual em um mundo que muitas vezes negligencia o valor das tradições. Ele é um patrimônio cultural que, ao longo dos anos, tem resistido às pressões da modernidade e se fortalecido como um elo vital entre o passado e o futuro. Cada peça produzida no Espaço do Artesão é mais do que um objeto de artesanato. Ela é um símbolo de resistência, de amor à cultura e de esperança para as futuras gerações. O que aprendemos com a história do Espaço do Artesão é que a cultura não é algo que se encontra apenas nos livros ou nas escolas, mas que ela vive e respira nos gestos simples do cotidiano, na arte de mãos calejadas que continuam a criar, a ensinar.



FUNDAÇÃO CULTURAL DE ILHA SOLTEIRA | Tavinho Lima⁷

A Fundação Cultural é uma instituição municipal, necessária e fundamental, que visa promover, preservar e valorizar a cultura local. Localizada no centro da cidade, na Praça dos Paiaguás, esta entidade tem hoje mais de trinta cinco anos de existência, resistência e resiliência, organizando eventos, cursos, exposições, saraus e oficinas artísticas. Entre tais atividades, particularmente, destaco como especial o Ponto MIS, a FLIS (Festa Literária de Ilha Solteira) e o tradicional Festival Nacional de MPB. Ponto MIS A Fundação Cultural de Ilha Solteira trabalha em conjunto com a Prefeitura Municipal e o Departamento de Cultura, implementando o Ponto MIS, que é um programa de formação e difusão cultural do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS). Em Ilha Solteira, o Ponto MIS oferece atividades gratuitas, como:

- Sessões de cinema todas as quartas-feiras no Cine Paiaguás.
- Oficinas audiovisuais mensais, envolvendo cinema e fotografia.
- Exposições interativas do MIS.

Festival Nacional de MPB de Ilha Solteira é um evento cultural anual, que promove a música autoral brasileira, especialmente a MPB (Música Popular Brasileira). O festival reúne artistas de diversas regiões do país para apresentar suas músicas e competir por prêmios. Além da competição, o festival também oferece shows e apresentações especiais de artistas renomados. O Festival é organizado pela Prefeitura Municipal (Departamento de Cultura) e pela Fundação Cultural. Em suas últimas edições, o evento foi viabilizado através de projetos aprovados pela Lei Rouanet, Lei Aldir Blanc e Lei Paulo Gustavo, contado com a parceria do Governo do Estado de São Paulo – APAA (Associação Paulista dos Amigos da Arte). No ano de 2025, o Festival Nacional de MPB chegará em sua 49ª edição.

Relato Pessoal

Por duas consecutivas gestões, tive a honra de presidir a Fundação Cultural de Ilha Solteira. A responsabilidade e o compromisso do cargo se misturaram ao prazer e a alegria de trabalhar de forma voluntária por uma nobre e necessária causa. Uma das mais celebradas

⁷ Músico. Produtor Cultural na cidade de Ilha Solteira.

conquistas nossas foi ser reconhecido como 'Ponto de Cultura', quando podemos equipar todo espaço do Cine Paiaguás com a aquisição de poltronas novas, pintura interna, lâmpadas de led compridas, reforma dos sanitários do citado espaço, etc. Exatamente nesta semana, a atual diretoria da Fundação Cultural de Ilha Solteira, consegue nova conquista através do Ministério da Cultura, voltando a ser um 'Ponto de Cultura'! Parabéns a toda diretoria da entidade! Longa vida à FUNDAÇÃO CULTURAL DE ILHA SOLTEIRA!

O MOTO FEST DE ILHA SOLTEIRA | Carlos Eduardo Farias Garcia⁸

INTRODUÇÃO

O *Moto Fest* de Ilha Solteira consolidou-se como um dos maiores eventos de motociclismo do Brasil, atraindo milhares de visitantes de diferentes regiões do país. Realizado anualmente pelo Moto Clube Ilha Solteira Rodas Indomáveis, o evento vai além da confraternização entre motociclistas, promovendo ações sociais, movimentando a economia local e impulsionando o turismo regional.

“Sempre que se fala em Moto Fest de Ilha Solteira, lembramos das campanhas que o Moto Clube Rodas Indomáveis tem realizado e que se tornaram parte integrante da festa. A arrecadação de alimentos não perecíveis, realizada desde 2001, acumula um total de 50 toneladas de alimentos doados às entidades assistenciais do município.” **(MOTO CLUBE ILHA SOLTEIRA RODAS INDOMÁVEIS, 2024, p. 2).**

ORIGEM E HISTÓRIA

O Moto Clube Ilha Solteira Rodas Indomáveis foi fundado em 02 de junho de 1998 por um grupo de entusiastas do motociclismo, com o objetivo de integrar os apaixonados por motos do município. Desde a fundação, os sócios buscaram estruturar uma organização capaz de promover atividades internas e externas, culminando na criação do evento que se tornaria o maior da cidade (RODAS INDOMÁVEIS, 2024). O primeiro *Moto Fest* de Ilha Solteira ocorreu em 1997, após diversas reuniões entre os motociclistas e as autoridades locais, resultando em um esforço coletivo que viabilizou a estreia do festival. Segundo o próprio Moto Clube, “com muito empenho dos membros do Moto Clube Ilha Solteira Rodas Indomáveis, foi realizado o 1º *Moto Fest* de Ilha Solteira” (RODAS INDOMÁVEIS, 2024).

⁸ Estudantes da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.



Imagem 01: Logo Moto clube

ESTRUTURA E CRESCIMENTO

Além da dimensão festiva, o Moto Fest de Ilha Solteira destaca-se pelas campanhas sociais. Desde 2001, a arrecadação de alimentos não perecíveis tornou-se tradição, alcançando o montante de 50 toneladas doadas a entidades assistenciais locais (RODAS INDOMÁVEIS, 2024). Outro aspecto relevante é a parceria com entidades do município para a administração da bilheteria. Essa colaboração possibilitou que parte da arrecadação fosse revertida para projetos sociais, resultando em mais de R\$ 86 mil repassados ao longo da história do evento (RODAS INDOMÁVEIS, 2024).

CAMPANHAS SOCIAIS

Desde as primeiras edições, a preocupação central foi garantir a segurança e o conforto dos visitantes. Para isso, o Moto Clube buscou apoio da Prefeitura Municipal, que colaborou na adaptação do recinto de exposições para receber o público crescente (RODAS INDOMÁVEIS, 2024). Atualmente, o evento recebe em média **40 mil pessoas por edição**, consolidando-se como um marco cultural e turístico da cidade.

IMPACTO ECONÔMICO

O evento também gera efeitos econômicos significativos. Segundo o Moto Clube, nos primeiros nove anos de realização, o Moto Fest movimentou cerca de R\$ 9 milhões no comércio local, além de cifras adicionais provenientes dos gastos dos motociclistas durante as viagens, que podem ultrapassar R\$ 12 milhões (RODAS INDOMÁVEIS, 2024). Esse impacto positivo fortalece toda a rede comercial da cidade, desde pequenos prestadores de serviços até hotéis e restaurantes, que se preparam com antecedência para atender a grande demanda.

TURISMO E CULTURA

O Moto Fest já atraiu mais de **400 mil visitantes ao município**, estimulando o turismo e divulgando as atrações locais, como a **usina hidrelétrica, praias, zoológico**, além do turismo, a programação cultural é outro atrativo importante. Bandas renomadas do cenário nacional, como Paulo Ricardo, Ira, Titãs e Biquini Cavadão, já se apresentaram no evento. Também se destacam os shows de *wheeling*, *trial* e apresentações radicais de equipes profissionais, que consolidaram o Moto Fest como um dos mais conhecidos do país (RODAS INDOMÁVEIS, 2024).

TURISMO E CULTURA

O Moto Fest de Ilha Solteira transcende a simples reunião de motociclistas. Ele representa um fenômeno cultural, social, turístico e econômico que transformou a cidade em referência no cenário do motociclismo brasileiro. Sua história mostra que a união entre paixão, organização e engajamento social pode resultar em um evento de impacto regional e nacional.

REFERÊNCIAS:

MOTO CLUBE ILHA SOLTEIRA RODAS INDOMÁVEIS. **Sobre nós**. 2024. Disponível em: <https://rodas10.webnode.page/sobre-nos/>. Acesso em: 22 set. 2025.

FAPIC (Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Ilha Solteira) | Maria Clara Esperança⁹

A **FAPIC** (Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Ilha Solteira) é um dos eventos mais tradicionais da cidade, realizada em comemoração ao seu aniversário. O evento reúne feira agropecuária, industrial e comercial, além de shows musicais, rodeios, parque de diversões e praça de alimentação, atraindo visitantes de toda a região.

A festa acontece no **Recinto de Exposições Felício Yunes**, localizado na Avenida Brasil Sul, na Zona Sul de Ilha Solteira. O espaço tem uma área total de **131.365 m²**, com capacidade para aproximadamente **5 mil pessoas nas arquibancadas da arena** e até **15 mil pessoas no recinto**.

Nos últimos anos, a FAPIC passou por algumas mudanças organizacionais, chegando a ser substituída temporariamente pela “Expo Ilha”. No entanto, em 2025 a FAPIC volta a acontecer oficialmente entre os dias **9 e 12 de outubro**, trazendo atrações de destaque como **Naiara Azevedo, Zezé di Camargo & Luciano e Jads & Jadson**, além do tradicional rodeio e parque de diversões. Em edições anteriores, como a de 2024, a festa contou com shows de **Felipe & Rodrigo, Edson & Hudson e Fiduma & Jeca**, além de competições de rodeio que chegaram a distribuir **R\$ 44 mil em prêmios**.

No ano de 2024 os alunos da UNESP do curso de zootecnia, durante o evento foi desenvolvido uma atividade de extensão universitária, denominada ‘A fazendinha da Unesp’, com exposição de animais da fazenda de ensino, pesquisa e extensão (FEPE) da faculdade de engenharia (UNESP) Campus de Ilha Solteira

⁹ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.



Fapic a festa do peão mais amada de Ilha Solteira, 2025.

Festa da Mandioca | Maria Eduarda Ribeiro Coqueiro¹⁰

A história da Festa da Mandioca está diretamente ligada ao processo de construção da identidade cultural de Ilha Solteira. A cidade nasceu em 1968 como um núcleo urbano planejado para abrigar os trabalhadores da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, desde sua origem, buscou criar espaços de convivência, lazer e tradição. Nesse contexto, as festas populares tornaram-se fundamentais para fortalecer laços comunitários e valorizar elementos da cultura regional.

Entre elas, destaca-se a Festa da Mandioca. A festa surgiu como uma celebração gastronômica e cultural, organizada em parceria entre a comunidade, a Prefeitura e o Hospital Regional de Ilha Solteira, que destina a arrecadação do evento para ações de saúde. Realizada tradicionalmente na Praça da Integração, no centro da cidade, a festa tem caráter beneficente e representa um momento de solidariedade, lazer e valorização da culinária brasileira. Além da gastronomia, a festa conta com atrações musicais variadas, que vão de artistas locais a apresentações maiores, movimentando a economia criativa e dando visibilidade a talentos culturais.



Imagem 01: Festa da Mandioca, Praça da Integração.

¹⁰ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

A Festa da Mandioca também tem impacto significativo no espaço urbano. Durante o evento recebendo grande fluxo de pessoas e exigindo organização de trânsito, segurança e infraestrutura. Assim, ao contar a história da Festa da Mandioca dentro deste livro, valorizamos não apenas um evento cultural, mas também um patrimônio imaterial de Ilha Solteira. Mais do que uma celebração da culinária, a festa representa solidariedade, identidade e ocupação criativa do espaço público.

REFERÊNCIAS:

ILHA SOLTEIRA. **Festa da Mandioca reúne público na Praça da Integração**. Disponível em: <https://www.ilhasolteira.sp.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2025.

HOSPITAL REGIONAL DE ILHA SOLTEIRA. **13ª Festa da Mandioca arrecada fundos para a saúde**. Disponível em: <https://www.facebook.com/hrilhasolteira>. Acesso em: 20 set. 2025.

ILHA DE NOTÍCIAS. **Festa da Mandioca tem programação gastronômica e musical**. Disponível em: <https://www.ilhadenoticias.com>. Acesso em: 20 set. 2025.

A Festa Literária de Ilha Solteira (FLIS): Cultura, Resistência e Protagonismo Juvenil | Eliab Kauan da Silva Lima¹¹

A Festa Literária de Ilha Solteira (FLIS) foi pensada, criada e articulada pela escritora e produtora cultural Edilva Bandeira juntamente com o Celeiro Cultural. É um dos principais eventos culturais da cidade de Ilha Solteira, no interior de São Paulo. Criada com o intuito de fomentar o hábito da leitura e valorizar a arte em suas diversas expressões, a FLIS se consolidou como um espaço de encontro entre escritores, artistas, educadores e a comunidade em geral.

Desde sua criação, o evento tem buscado envolver a população com atividades gratuitas, tornando-se uma celebração da literatura em diálogo com diferentes linguagens artísticas. Porém, apesar da sua relevância, a história de origem da FLIS ainda não está detalhada em registros oficiais ou pesquisas disponíveis. A maior parte das informações encontradas aborda edições mais recentes, como as de 2022 e 2024, além de projetos relacionados, como a Manhã Literária. Para compreender melhor como o evento começou, seria necessário recorrer a fontes da Prefeitura Municipal de Ilha Solteira ou ao coletivo organizador responsável pelas primeiras edições.

Contudo, em alguns anos, a continuidade do evento não contou com recursos públicos. A exemplo da 3ª edição, iniciada em 14 de setembro de 2022, na Biblioteca Pública Municipal: sem financiamento governamental, a realização só foi possível graças ao empenho de artistas, técnicos e profissionais voluntários, que decidiram trabalhar gratuitamente para garantir a permanência da festa no calendário cultural da cidade. Esse gesto coletivo reforçou o caráter resistente e comunitário da FLIS.

A FLIS MALUQUINHA – 2025

Entre os dias 5 e 11 de maio de 2025, a cidade sediou a 7ª edição do evento, intitulada “FLIS Maluquinha”, em homenagem ao escritor e cartunista Ziraldo, criador da inesquecível personagem Menina Maluquinha.

¹¹ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.



Imagem 1: 7ª Festa Literária Ilha Solteira

- Durante essa semana especial, a programação incluiu:
- Bate-papos com escritores e artistas;
- Oficinas de leitura, escrita e ilustração;
- Feira de troca de livros;
- Contação de histórias;
- Sessões de cinema e exposições temáticas;
- Apresentações artísticas de estudantes da rede municipal.

Além de celebrar a obra de Ziraldo, a edição destacou-se pelo protagonismo juvenil, com a participação ativa de alunos em apresentações e projetos inspirados na literatura.



Imagem 2: Participação de crianças na festa literária

OBJETIVOS E IMPACTO CULTURAL

A FLIS tem como missão central democratizar o acesso à literatura e à arte, promovendo o encontro entre diferentes gerações e manifestações culturais. Entre seus principais objetivos estão:

- Disseminar a literatura como prática de transformação social;
- Valorizar a cultura em suas múltiplas formas, integrando música, teatro, cinema e artes visuais;
- Engajar a comunidade, por meio da participação de estudantes, artistas locais e público em geral;
- Desenvolver habilidades criativas, através de oficinas e atividades educativas;
- Celebrar autores e movimentos culturais, homenageando figuras marcantes da literatura brasileira.
- Com essa proposta, a festa ultrapassa a dimensão de um evento literário e se afirma como um movimento cultural coletivo, que fortalece o vínculo entre educação, arte e cidadania.

CONCLUSÃO

A Festa Literária de Ilha Solteira já se consolidou como parte fundamental da identidade cultural do município. Mesmo diante de desafios, como a ausência de recursos públicos em algumas edições, a FLIS sobreviveu graças ao empenho de voluntários, artistas e educadores, mostrando-se um evento de resistência cultural e comunitária.

Mais do que promover a literatura, a FLIS estimula a criatividade, dá espaço à juventude e cria um ambiente em que a arte é vivida coletivamente. Ao unir memória, educação e celebração, o festival se reafirma como um patrimônio cultural da cidade e uma inspiração para iniciativas semelhantes em outras regiões.

REFERÊNCIAS

ILHA DE NOTÍCIAS. ***Com várias atrações, Feira Literária de Ilha Solteira homenageará Ziraldo***. Ilha de Notícias, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://ilhadenoticias.com.br/com-varias-atracoes-feira-literaria-de-ilha-solteira-homenageara-ziraldo/>. Acesso em: 21 set. 2025.

JORNAL PORTAL DE NOTÍCIAS. **Nova edição da Festa Literária de Ilha Solteira celebra a Semana de Arte Moderna de 1922**. Jornal Portal de Notícias, [S. l.], 25 fev. 2022. Disponível em: <http://jornalportaldenoticias.com.br/2022/02/25/nova-edicao-da-festa-literaria-de-ilha-solteira-celebra-a-semana-de-arte-moderna-de-1922/>. Acesso em: 21 set. 2025.

PREFEITURA DE ILHA SOLTEIRA. **FLIS Maluquinha: confira a programação da 7ª Festa Literária de Ilha Solteira**. Prefeitura de Ilha Solteira, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://ilhasolteira.sp.gov.br/flis-maluquinha-confira-a-programacao-da-7a-festa-literaria-de-ilha-solteira>. Acesso em: 21 set. 2025.

NATAL DE ILHA SOLTEIRA | Beatriz Piquera¹²

O evento Natal Encantado ocorre anualmente na cidade de Ilha Solteira- SP, ele conta com diversas atividades focadas principalmente para o público infantil. A festa é organizada pela Prefeitura da cidade, sendo conhecida na região como o evento mais esperado do mês de dezembro.

A festa acontece na praça central da cidade (Praça dos paiaguás). Ela conta com diversas atrações, como as árvores decoradas, os brinquedos infantis, a casa do Papai Noel e principalmente a árvore gigante que não é nada menos do que a caixa d'água do município. Durante os dias de festa a prefeitura organiza musicais, teatros, dança e muitos outros eventos para a diversão em família. Um dos mais esperados pelas crianças é a chegada do Papai Noel e do seu ajudante, o duende. O evento Natal Encantado, realizado pela prefeitura de Ilha Solteira, tem como objetivo promover lazer, cultura e integração entre os moradores e visitantes da cidade (PREFEITURA DE ILHA SOLTEIRA, 2023).

O evento também é importante para a economia, visto que com as festividades abre portas para artesãos venderem os seus objetos de artesanatos. Muitos deles moram fora do município e esperam o ano todo para expor os seus trabalhos e mostrar um pouco de sua cultura. Para a cidade o festival não é apenas luzes bonitas e diversão em família, é muito mais que isso, é cultura, paz, união, uma forma de mostrar para as crianças a verdadeira essência do Natal.

¹² Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.



Imagem 01: Decoração natalina com Papai Noel inflável na Praça dos Paiaguás Ilha Solteira.

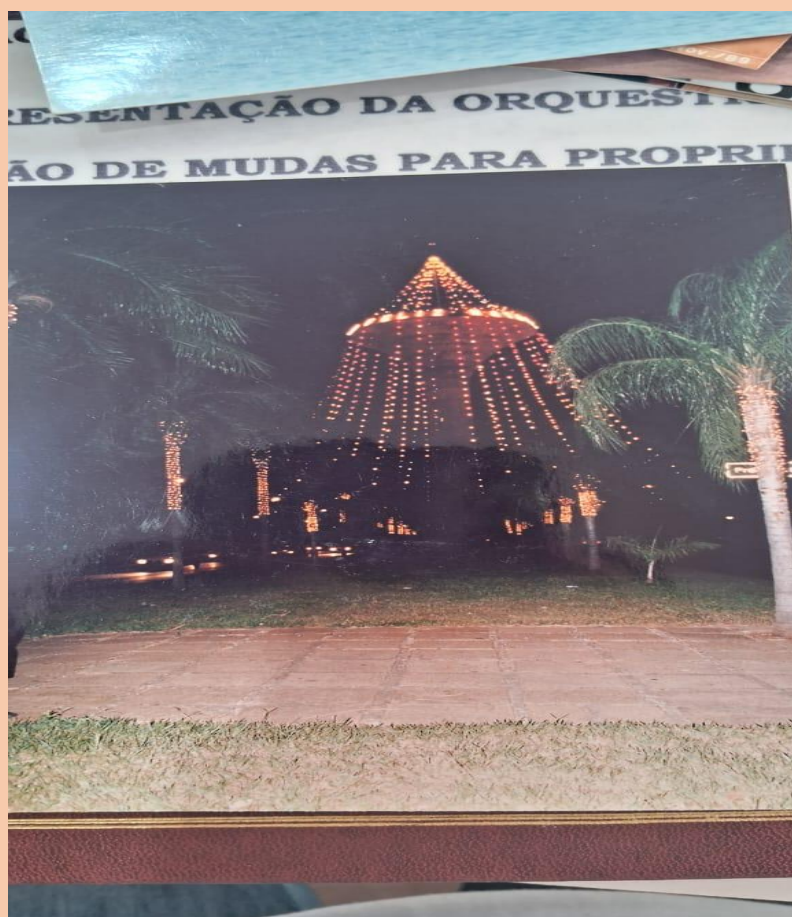
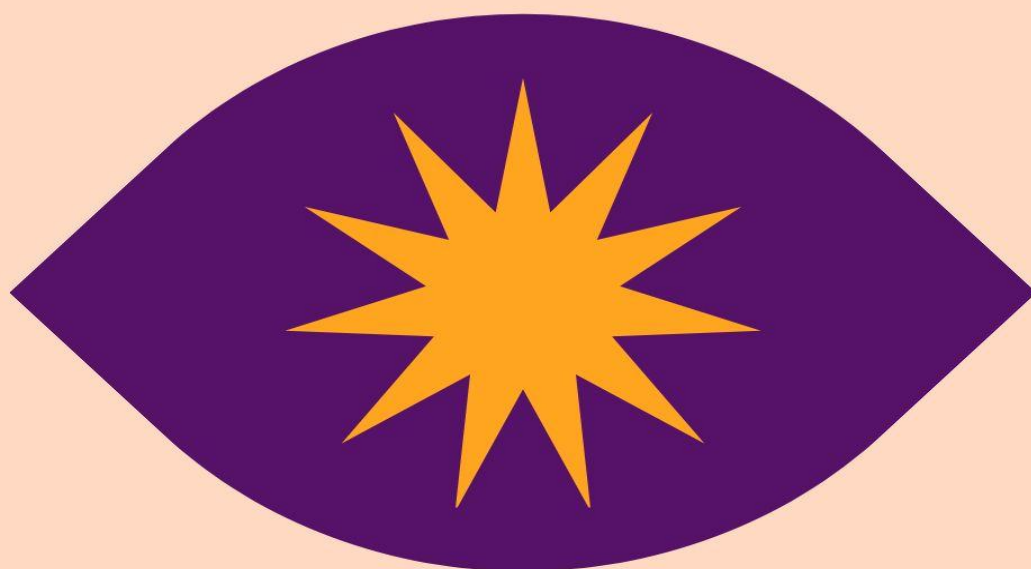


imagem 02: Árvore de luzes do Natal Encantado em Ilha Solteira.

REFERÊNCIAS

PREFEITURA DE ILHA SOLTEIRA. **Natal Encantado de Ilha Solteira**. Disponível em: <https://www.ilhasolteira.sp.gov.br>. Acesso em: 17 set. 2025.



Parte III: MEMÓRIAS

Velha Barrageira: relato da pioneira Cleonice Santos |

Stefany Victoria da Silva Santarosa¹³

Toda cidade, principalmente as pequenas, tem pelo menos.... umazinha só, mas tem! Estou falando de lenda urbana, que é aquela famosa lenda que não tem escrita em livro nenhum, ela é passada de uma pessoa pra outra. Os exemplos mais famosos são: Mula sem Cabeça, Homem do Saco, Saci, Lobisomem etc. Acredito que a “lenda urbana” de Ilha Solteira é mil vezes mais assustadora que todas essas outras juntas.

A primeira vez que ouvi falar na “Veia Barragêra”, sim, porque a pronúncia correta é essa. Não é “Velha Barrageira”, como muitos intelectuais gostam de escrever. Ao menos os intelectuais que discutem lenda urbana, porque a maioria nem acredita. Eles preferem falar sobre Jazz. Mas o caso é que o nome correto é “Veia Barragêra”! Detesto responder “porque sim”, mas se me perguntarem “por que” será essa a resposta. É “Véia Barragêra”. Pronto. Acabou. É fato! Deve ter alguma coisa a ver com a cultura linguística popular veridicamente relatada de acordo com a tal “Véia”. Até porque como eu já disse, está não é uma obra de ficção e qualquer semelhança com a realidade, NÃO será mera coincidência. (Cesar, 2013, p.15)

Antes da usina, o rio Paraná corria livre, cheio de peixes, a beira dele vivia uma velha, conhecida por todos, mas sem nome certo. Era uma mulher simples, acostumada da terra e da pesca, que tinha no rio a sua vida e companhia. Quando começaram as obras da barragem em 1960, vieram engenheiros, máquinas, homens de capacete branco e botas sujas de barro. Falava-se em uma barragem gigantesca, a maior que o país já viu, o movimento de caminhões e máquinas mudou o silêncio da beira-rio. A “Veia” não gostou nadinha disso!!

Avisaram que sua casa seria engolida pelo lago que a usina ia formar, mas ela não saiu, para a velha, aquilo soava como ameaça, ela se recusou a sair. O rio subiu, a água avançou, e sua casinha desapareceu. A “Véia” sumiu junto com ela, dizem que foi vista pela última vez sentada na beira do barranco, olhando a água subir. Começaram os boatos. Uns diziam que a

¹³ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

“Véia” sobreviveu e passou a viver no canteiro de obras, cozinhando para operários. Outros, porém, juravam que ela havia se afogado e que seu espírito vagava pelas noites mais escuras e frias.

Com o tempo, a figura da velha virou lenda. Muitos trabalhadores garantiam ter visto uma mulher de lenço na cabeça andando na barragem, principalmente à noite, sempre perto da água. A verdade é que, mesmo depois da usina pronta, a história dela nunca acabou.

A dona Cleonice dos Santos Amorim, Pioneira de Ilha Solteira, viveu a história da “Véia Barragêra” de pertinho.

Figura 1- Cleonice Dos Santos



Fonte: Autoria Própria

“Nunca vi a Véia, mas também não duvido, e espero não a encontrar”, contou. Agradeço à Sra. Cleonice por compartilhar não apenas suas histórias, mas também a riqueza de sua memória, que mantém viva a essência de Ilha Solteira e de seu povo.”

E assim, entre memórias, relatos e mistérios, a “Véia Barragêra” continua viva — não apenas nas margens do rio Paraná, mas também na imaginação de quem ousa caminhar pela noite em Ilha Solteira. Lendas como essa não pertencem somente ao passado: elas atravessam o tempo, se transformam, e encontram sempre um novo ouvido disposto a escutar. Talvez, no

fundo, o verdadeiro assombro não esteja em ver a velha, mas em perceber que, de alguma forma, ela nunca deixou de estar aqui.

REFERENCIAS

BRASSAROCK, Hugo. **A velha barrageira**. [S.]: [s.n.], [s.d.].

PALOMBO, Alê. **Velha Barrageira**. 2011. Disponível em:
<https://alpalombo.blogspot.com/2011/10/velha-barrageira.html>. Acesso em: 11 set. 2025.



Parte IV: LUGARES, ESPAÇOS E ROTAS

Praça da Emancipação - Monumento aos Emancipadores de Ilha Solteira | Vilma Duarte¹⁴

Emancipar um distrito, significa torná-lo independente e com autonomia para decidir seu próprio destino! Emancipar Ilha Solteira, foi um sonho de liberdade transformado em realidade por um grupo de cidadãos, que perseveraram para que isso acontecesse.

O hoje município de Ilha Solteira, era inicialmente um núcleo habitacional exaustivamente planejado para abrigar até 40 mil pessoas durante a gigantesca obra de engenharia para construir a barragem da hidrelétrica de Ilha Solteira, a maior do Estado de São Paulo e hoje a sexta maior usina do Brasil e, integra o complexo de Urubupungá, o sexto maior do mundo.

Falar de mapeamento dos patrimônios materiais de Ilha Solteira, há que se falar primeiro da sua origem até sua emancipação política, sem emancipação, salvo a Usina, nenhum outro patrimônio material, talvez existisse.

O mais importante símbolo de sua história depois da Usina, está localizado em uma pequena praça num ponto de pouco destaque, assim como é pouca ou quase nenhuma a atenção que recebe do poder público: A PRAÇA DA EMANCIPAÇÃO, localizada na Av. Brasil Sul.

Em 15 de outubro de 1993, primeiro ano como município independente, foi erguido nesta praça, um monumento em homenagem aos emancipadores.

Localizado na Avenida Brasil Sul, o monumento simboliza um grupo de moradores, em figuras estilizadas, cravando no solo, a bandeira de Ilha Solteira. Em uma placa fixada em sua base, se pode ler: “O PODER PÚBLICO HOMENAGEA O TRABALHO DE TODA A COMUNIDADE ILHENSE E CONSTITUI ESSE MONUMENTO EM PERPÉTUA MEMÓRIA DE SUA CONQUISTA”.

Somente em 2004, o monumento ganhou uma nova placa, onde constam os nomes de membros da Comissão de Emancipação. Na década de 70 e 80, foi motivo de orgulho nacional por seus índices invejáveis de qualidade de vida. Suas mais antigas referências, datam de 30 de novembro de 1944, quando se tornou distrito de Pereira Barreto com o nome de Bela Floresta. Não havia prefeito nem vereadores, e sim uma administração, autorizada pelo Governo do Estado, e dirigida pela CESP (Centrais Elétricas de São Paulo).

Por ser planejada, a cidade nasceu com larga vantagem sobre os demais municípios, pois todas as 5 mil casas tinham redes de água e esgoto e energia elétrica, e por muitos anos seus moradores não pagavam por tais benefícios. Quando começou a ser ocupado, o núcleo

¹⁴ Produtora cultural, foi diretora e colunista do Jornal Cidade por 08 anos, assessora parlamentar e cerimonialista da Câmara Municipal de Ilha Solteira por 21 anos. É autora de poemas e letras de músicas. É vice presidente do Conselho Municipal de Cultura. E Moradora de Ilha Solteira desde 1972.

habitacional de Ilha Solteira, era praticamente um condomínio: tinha portarias de entrada e um rígido controle sobre os visitantes. Por ter sido concebida como um grande alojamento, as moradias bem como os clubes sociais, foram divididos em níveis de acordo com a hierarquia da empresa.

Por muito tempo essa divisão fazia com que as pessoas ao saberem do endereço da outra e o clube que frequentava, identificasse que cargo ela ocupava na empresa. Ao se tornar uma cidade, e com o surgimento de novas moradias, essa divisão deixou de existir e os clubes puderam ser frequentados por todos que se associassem aos mesmos e as casas construídas sem seguir o padrão até então respeitado.

Desde 1968, até 1991, não havia prefeito nem vereadores, e sim uma administração, autorizada pelo Governo do Estado, e dirigida pela CESP (Centrais Elétricas de São Paulo). Ilha Solteira teve onze administradores durante esse período e mesmo quando a cidade se tornou município, ela ainda continuou sendo coordenada por pessoas indicadas pela Estatal até 1993, quando elegeu seus primeiros representantes através de eleições municipal.

O final das obras, ameaçava o futuro do então distrito de Pereira Barreto com o nome de Bela Floresta, Ilha Solteira (Nome emprestado por uma Ilha Solitária que se formou após a as águas serem represadas), foi aí que a sociedade civil organizada mostrou sua força e se uniu com a população em torno do objetivo de lutar pela independência e elevar o distrito a condição de município.

A emancipação de Ilha Solteira ocorreu em 30 de dezembro de 1991, quando o município foi criado através do Decreto de Lei Estadual nº 7664, desmembrando-se de Pereira Barreto. Porém sua primeira administração eleita por voto, ocorreu em 1992, e seus primeiros vereadores e prefeito, tomaram posse em 1993.

Até se emancipar, foi realizado um árduo trabalho da comissão de emancipação, para transferir a sede do distrito de Bela Floresta para Ilha Solteira, o que ocorreu em 08 de maio de 1989, por meio de uma lei municipal, o então povoado de Ilha Solteira, passa a ser distrito de Pereira Barreto. Este foi o primeiro passo fundamental para a sua emancipação política.

O processo de emancipação foi marcado por uma forte mobilização popular e um plebiscito, que resultou em uma das maiores votações populares da história brasileira na época, consolidando a autonomia de Ilha Solteira como município.

A noite de 7 de maio de 1987, foi histórica para Ilha Solteira. Nesta data numa grande assembleia popular, a população votou para escolher seus representantes pra formar a comissão que lutaria incansavelmente pela tão sonhada emancipação. A denominação do grupo “Comissão de Emancipação do Distrito de Bela Floresta (Ilha Solteira)”.

Iniciou-se então um intenso trabalho de mobilização e conscientização, criou-se uma logomarca do grupo, com um desenho só da cabeça de seis pessoas, conduzindo a bandeira de Ilha Solteira.

Em agosto de 1988, o comerciante Alcides Aquino, o Cidinho da Pão Gostoso, assumiu a presidência da Comissão de Emancipação, que ficou assim constituída: Vice-Presidente Francisco Albano Gomes, Secretário Orides Estevan Sobrinho, segundo secretário Cícero Alves da Silva, Tesoureiro Karin Miguel, segundo tesoureiro Nelson Cândido da Silva (responsável pela divulgação) e Daniel Motoi Yokoyama, coordenador de recursos. Outros cidadãos também passaram a integrar a comissão como convidados, José Maria B. Munoz, Francisca Holanda de Souza, Jair Gomes, Valdir Garcia, George Mellio, e Valmir Geraldi. Antonio Carlos da Silva, Adilson F. Nascimento e Antônio de Almeida, foram reintegrados a comissão após se afastarem para se candidatarem nas eleições.

Após a formalização da comissão, foram mais 2 anos de preparação para o fim do processo, e o dia do SIM! De maneira organizada a comissão foi mobilizando todos os segmentos da sociedade, e conscientizando a população com fortes argumentos como “Os ilhenses serão chamados para uma eleição. Uma eleição na qual só haverá um candidato: Ilha Solteira. Ilha Solteira é candidata a Município”. No plebiscito o povo decidirá: SIM OU NÃO!

O plebiscito, foi realizado em 19 de maio de 1991, e a maioria dos eleitores disseram SIM a emancipação.

Em 30 de Dezembro de 1991, foi finalmente sancionada a lei nº7.664, criando o município de Ilha Solteira. Em 92 houve a primeira eleição pra escolha do prefeito e vereadores, os quais foram empossados em janeiro de 1993.

Se uma nova história começou a ser escrita sobre um município chamado Ilha Solteira, e se hoje se escreve sobre sua identidade e seu patrimônio material... há que falar sobre o capítulo da EMANCIPAÇÃO.

Perpetuada num pequeno monumento, na pequena PRAÇA DA EMANCIPAÇÃO!

A Biblioteca Pública de Ilha Solteira: Espaço, Memória e Sociedade | Rebeca Hadassa Albuquerque Lyra¹⁵

INTRODUÇÃO

A Biblioteca Pública Assis Chateaubriand de Ilha Solteira constitui um marco na história cultural e educacional do município. Inaugurada em 07 de novembro de 1986, no contexto da cidade planejada pela Companhia Energética de São Paulo (CESP) para a construção da Usina Hidrelétrica, a biblioteca nasceu como parte da infraestrutura urbana voltada ao atendimento da população que se estabelecia na região. Mais do que um espaço físico de acesso a livros, consolidou-se como um ambiente de formação, convivência e memória coletiva.

O presente capítulo busca analisar o papel da biblioteca a partir de sua trajetória institucional, da memória da primeira funcionária, Bete, e da sua inserção na vida urbana e social de Ilha Solteira.

A criação da biblioteca remonta ao período em que a CESP estruturava serviços essenciais para os trabalhadores da obra e suas famílias. Inicialmente vinculada à empresa, a biblioteca foi transferida para a Prefeitura quando Ilha Solteira ainda era distrito de Pereira Barreto e, posteriormente, passou a ser oficialmente municipal com a emancipação do território. Seu nome, Biblioteca Pública Assis Chateaubriand, e sua localização em região central da cidade reforçam sua função como equipamento cultural de referência.

O depoimento da primeira funcionária, Bete, é fundamental para compreender a importância social desse espaço. Designada nos tempos da CESP, ela acompanhou a transição administrativa, participou do concurso municipal e permaneceu no cargo por 23 anos, até sua aposentadoria. Em sua gestão, implantou inovações como a criação de um espaço infantil, equipado com tapetes e almofadas, onde as crianças podiam ler de forma lúdica e prazerosa. Além disso, organizava mensalmente a “Manhã Literária”, em parceria com as escolas, fortalecendo os laços entre educação formal e práticas culturais.

¹⁵ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

Segundo Bete, a biblioteca era intensamente frequentada por crianças, jovens e adultos, e muitos profissionais locais reconhecem que sua formação acadêmica e pessoal foi possibilitada pelo acesso ao espaço, ao acervo e à infraestrutura adequada, com ambiente refrigerado e confortável. O acervo sempre foi atualizado com livros didáticos, literatura nacional e estrangeira, além de receber

doações que ampliavam o acesso da população. Para além do caráter funcional, a biblioteca se consolidou como um espaço de convivência, identidade e construção de memória coletiva.

Com o passar do tempo, a instituição também passou por processos de atualização e renovação. Em 2022, sua fachada recebeu uma intervenção artística por meio do projeto Arte Urbana SP, o que lhe conferiu nova visibilidade na paisagem urbana. Em 2025, incorporou mais de cem novos títulos ao acervo, fornecidos pelo Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo, reforçando sua relevância cultural e educacional. A biblioteca também participa de eventos de maior porte, como a Feira Literária de Ilha Solteira (FLIS), que articula escritores, leitores e instituições em torno da valorização do livro e da leitura.

Do ponto de vista urbanístico e social, a biblioteca representa mais do que um patrimônio material: é também patrimônio imaterial. Os saberes, histórias e memórias de quem cresceu frequentando seu espaço configuram uma herança cultural viva, que reforça a identidade local. Mesmo diante da popularização da internet e da facilidade de acesso digital ao conhecimento, a biblioteca permanece como um espaço insubstituível de encontro, convivência e democratização da cultura. Como destacou bete, “a leitura é a maior ferramenta do saber e não ocupa espaço”.



Imagem 1: Foto tirada pela autora, biblioteca antigamente.

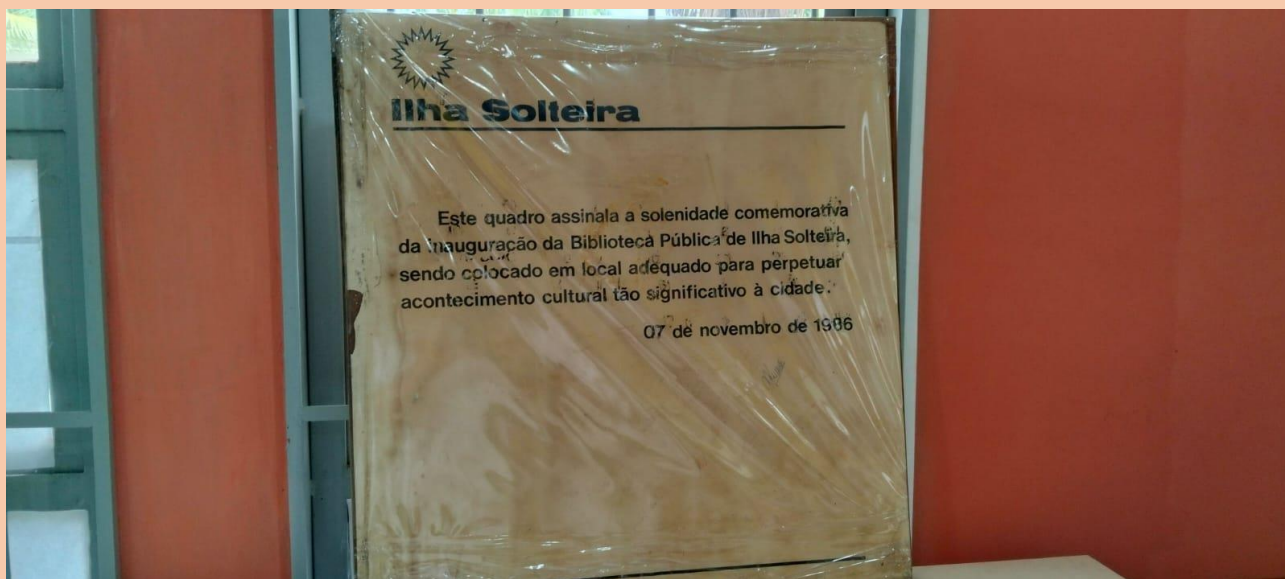


Imagem 2: Foto tirada pela autora, placa de inauguração da Biblioteca.

REFERÊNCIAS

CÂMARA MUNICIPAL DE ILHA SOLTEIRA. **Implantação da Cidade**. Ilha Solteira, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cmilhasolteira.sp.gov.br/historia/implantacao-cidade>. Acesso em: 21 set. 2025.

CELEIRO CULTURAL. **5ª Festa Literária de Ilha Solteira (FLIS)**. Ilha Solteira, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://www.celeirocultural.com/2023/03/5-festa-literaria-de-ilha-solteira.html>. Acesso em: 21 set. 2025.

ILHA NEWS. **Biblioteca Municipal ganha novo visual com projeto Arte Urbana SP**. Ilha Solteira, 20 out. 2022. Disponível em: <https://ilha.news/biblioteca-municipal-ganha-novo-visual-com-projeto-arte-urbana-sp/14876/>. Acesso em: 21 set. 2025.

LISTA MAIS. **Biblioteca Pública Assis Chateaubriand – Bibliotecas Públicas em Ilha Solteira, SP**. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: https://www.listamais.com.br/local/cad_idXZ5f5DQ/bibliotecapublica-assis-chateaubriand-bibliotecas-publicas-em-ilha-solteira-sp. Acesso em: 21 set. 2025.

RÁDIO TV JORNAL DA ILHA. **Biblioteca Municipal Assis Chateaubriand de Ilha Solteira recebe novos livros**. Ilha Solteira, 16 abr. 2025. Disponível em: <https://radiotvjornaldailha.news/noticia/1772135/biblioteca-municipal-assis-chateaubriand-de-ilha-solteira-recebe-novos-livros>. Acesso em: 21 set. 2025.

A Caixa d'Água: Símbolo da Cidade | Isadora Cristina Silva de Almeida¹⁶

No coração de Ilha Solteira, erguida no ponto central do eixo urbano, encontra-se a grande caixa d'água, planejada desde os primeiros desenhos da cidade. Ela não foi concebida apenas como um reservatório técnico, mas também como um marco arquitetônico e urbano que daria identidade ao novo município. Sua localização não é por acaso: foi posicionada no centro geométrico, cercada pelos principais equipamentos públicos, funcionando como referência visual e organizadora do espaço. A cidade, segundo o plano original, foi dividida em duas alas — norte e sul — separadas por uma ampla faixa destinada a serviços coletivos. Nesse eixo central ergue-se a caixa d'água, construída em linhas arquitetônicas elegantes que a transformaram em monumento logo em seus primeiros anos. Ao seu redor localizaram-se a administração municipal, a estação rodoviária, o comércio especializado, o cinema, a praça central, escolas técnicas, a igreja, o correio e outros serviços fundamentais, o que a consolidou como ponto de equilíbrio do projeto urbano, tanto funcional quanto simbólico.



Imagem 01: Caixa d'Água atualmente.

O reservatório elevado possui trinta e quatro metros de altura em formato de taça e capacidade para trezentos metros cúbicos de água. A distribuição é realizada por gravidade,

¹⁶ Discente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo Campus de Ilha Solteira, atualmente matriculada no Curso Técnico em Edificações integrado ao Ensino Médio. Aluna bolsista do Projeto de Extensão “*Xadrez Uma Evolução Cultural*”, que combina a prática do xadrez com o desenvolvimento das habilidades cognitivas. Medalhista de Ouro da Olimpíada Brasileira de Língua Inglesa (OBLI) de 2025.

através de uma rede de tubulações de diferentes diâmetros, alcançando toda a população. Esse sistema, simples e eficiente, assegurava o fornecimento contínuo de água e foi essencial para o crescimento da cidade planejada, que precisava atender, inicialmente, milhares de trabalhadores vindos de várias regiões do país para a construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira.

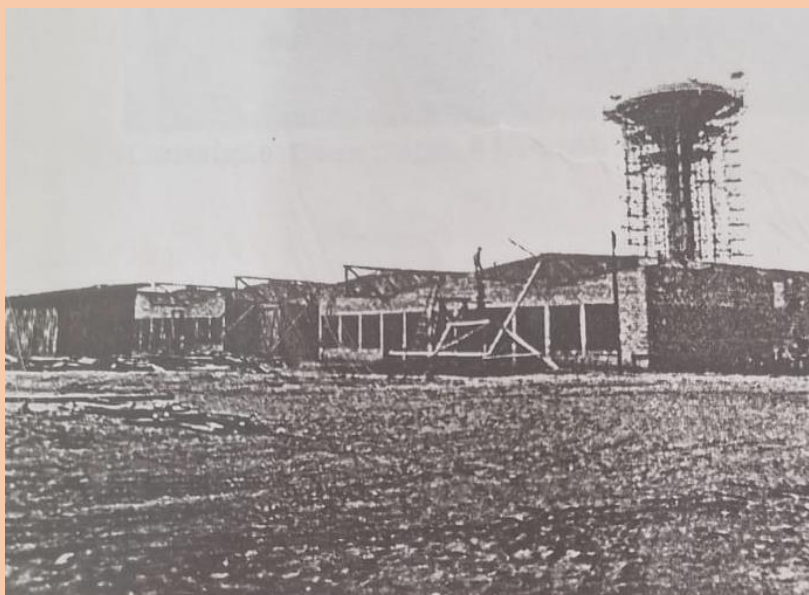


Imagem 02: Caixa d'Água em construção, 14 de junho de 1969.

Mais do que infraestrutura, a caixa d'água foi incorporada desde cedo ao cotidiano da população. Para muitos moradores, avistá-la ao longe simboliza a chegada ao lar. Sua silhueta, visível de diversos pontos, tornou-se um verdadeiro farol urbano. Fotografias antigas, registros oficiais e lembranças pessoais mostram como ela se consolidou como parte inseparável da memória coletiva, marcando não apenas o espaço físico, mas também o emocional.

Com o passar das décadas, seu papel ultrapassou ainda mais a esfera técnica. Além de monumento e símbolo de identidade, a caixa d'água também passou a ser palco de celebrações e eventos comunitários. Um exemplo marcante ocorre no período natalino, quando a estrutura serve de base para a montagem de uma árvore de Natal gigante, que chega a trinta e nove metros de altura, sendo iluminada por cordões de luzes coloridas que a transformam em atração visível de toda a cidade. A inauguração dessa decoração tornou-se um evento esperado, com apresentações culturais, feiras de artesanato, brinquedos para as crianças e a chegada do Papai Noel, o que reforça ainda mais a presença da caixa d'água como símbolo de união e convivência.



Imagem 03: Caixa d'Água decorada para festividades.

Assim, a caixa d'água de Ilha Solteira não é apenas um reservatório elevado de concreto. Ela é uma peça central da organização urbana, um marco arquitetônico e um espaço simbólico que se renova a cada geração. Representa a modernidade do projeto que originou a cidade, garante a funcionalidade do abastecimento de água e, ao mesmo tempo, mantém viva a memória e a identidade coletiva dos moradores. Ao unir técnica, urbanismo e cultura, esse monumento mostra como estruturas aparentemente simples podem se transformar em ícones de pertencimento e orgulho local, permanecendo até hoje como uma das principais referências visuais e afetivas de Ilha Solteira.

REFERÊNCIAS

TURISMO EM SÃO PAULO. *Ilha Solteira*. Disponível em: https://www.turismoemsaopaulo.com.br/landingpage/583/ilha_solteira. Acesso em: 19 set. 2025.

COSSÍ, Douglas. *Decoração: "Árvore de Natal gigante" de Ilha Solteira já está sendo montada*. Ilha de Notícias, 4 dez. 2024. Disponível em: <https://ilhadenoticias.com.br/decoracao-arvore-de-natal-gigante-de-ilha-solteira-ja-esta-sendo-montada/>. Acesso em: 19 set. 2025.

FROELICH, Gilval Mosca. *Ilha Solteira: uma história de riqueza e poder (1952–1992)*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001.

Praça das Araras: Um Pedaco da Itália no Noroeste Paulista | Laura Luiza Chiquetto Antoniassi¹⁷

Perto de uma simples rotatória de Ilha Solteira, no interior paulista, existe um espaço que transcende a simplicidade de uma praça: a Praça das Araras, também chamada de Praça Monte Ísola. À primeira vista, parece apenas mais um ponto de encontro urbano, com árvores, bancos e a movimentação típica da cidade. Contudo, basta o sol começar a declinar no horizonte para que a cena se transforme em espetáculo. É nesse momento que o ar se enche de cores e sons, quando as araras-canindé chegam em bando, tingindo o céu com suas asas azuis e douradas.

A presença dessas aves transformou a praça em um verdadeiro símbolo de convivência entre cidade e natureza. Turistas e moradores se reúnem ali ao entardecer, equipados de celulares, câmeras ou simplesmente da própria contemplação, para testemunhar um espetáculo que não exige ingresso. O encanto é coletivo: crianças apontam animadas, idosos sorriem lembrando que, há alguns anos, era raro ver tantas araras soltas no ambiente urbano, e casais aproveitam o cenário para registrar lembranças que ficarão guardadas na memória.

Esse fenômeno não acontece por acaso. Preocupada em proteger a espécie e ao mesmo tempo oferecer uma experiência única à população, a Prefeitura de Ilha Solteira, em parceria com órgãos ambientais, instalou ninhos artificiais de madeira em diferentes pontos da cidade, inclusive próximos à Praça das Araras. Essa iniciativa ajudou a preservar árvores que antes eram danificadas pelas aves na busca por cavidades naturais e, ao mesmo tempo, estimulou a reprodução das araras-canindé, hoje consideradas ameaçadas no estado de São Paulo.

As araras, que medem cerca de oitenta centímetros e impressionam com sua plumagem vibrante, encontraram em Ilha Solteira não apenas um abrigo, mas também um palco. A cada dois anos, durante o período de reprodução, procuram os ninhos

¹⁷ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

artificiais para depositar seus ovos, perpetuando a espécie em um ambiente que equilibra urbanização e preservação ambiental.

A Praça das Araras, portanto, não é apenas um cartão-postal. É um espaço onde se entrelaçam história, cultura e biodiversidade. Ali, a comunidade celebra não só a beleza das aves, mas também o compromisso com a vida em todas as suas formas. Para muitos, visitar a praça é compreender que a identidade de Ilha Solteira está intimamente ligada à sua capacidade de valorizar a natureza e transformar o cotidiano em espetáculo.



Imagem 01: Arcos que embelezam a Praça das Araras.

Fonte: Google Maps.

Um detalhe curioso é que o nome oficial da praça — Praça Monte Ísola — homenageia a cidade italiana de Monte Isola, situada na região da Lombardia, às margens do Lago de Iseo. A denominação surgiu como símbolo de amizade e intercâmbio cultural entre Ilha Solteira e o município italiano, ambos ligados pela identidade insular. Essa conexão reforça o caráter singular da praça: um espaço que não apenas acolhe as araras, mas também carrega em seu nome uma ponte cultural entre Brasil e Itália.

Assim, cada voo rasante, cada grito estridente e cada pouso nas árvores da praça são lembranças vivas de que a cidade cresceu sem se esquecer de abrir espaço para os verdadeiros donos do céu.

REFERÊNCIAS:

Praça de cidade com muitas araras: ave símbolo de cidade. UNESP, [s.d.]. Disponível em: <https://arquivodigital.unesp.br/index.php/praca-de-cidade-com-muitas-araras-ave-simbolo-de-cidade-5>. Acesso em: 20 set. 2025.

WIKIMAPIA. *Praça Monte Isola*. Disponível: <https://wikimapia.org/35015021/pt/Pra%C3%A7a-Monte-Isola>. Acesso em: 20 set. 2025.

Porto de Ilha Solteira | Rafaela Maísa Cardoso Garcete¹⁸

O Porto de Ilha Solteira é um dos lugares mais visitados da cidade. Atualmente, serve como ponto de encontro para famílias, turistas e pescadores. O local é usado para passeios de barco, esportes náuticos e para apreciar o pôr do sol no rio Paraná. É um espaço de lazer e convivência que atrai visitantes, principalmente nos finais de semana.

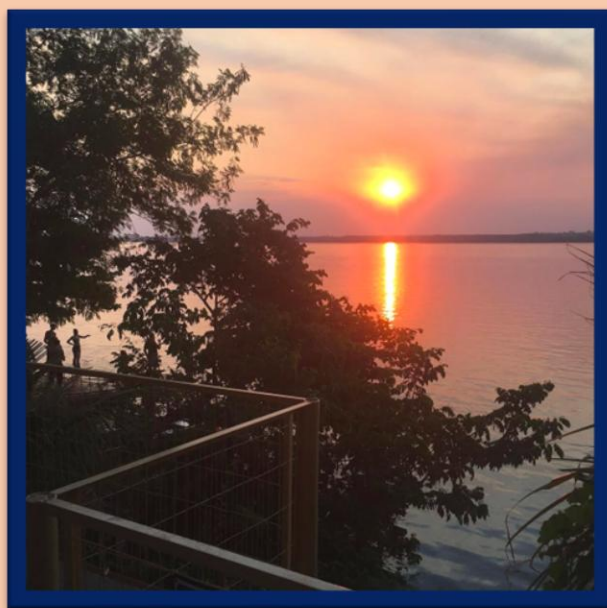


Imagem 01: Porto de Ilha Solteira ao entardecer

Décadas atrás, o porto tinha uma função muito diferente. Era movimentado, cheio de balsas e barcos que transportavam materiais para a construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira. Trabalhadores circulavam o tempo todo e grandes cargas eram descarregadas diariamente.

Sua construção começou na década de 1960, junto com a própria cidade e com a usina. Como as estradas eram ruins, o porto foi essencial para trazer cimento, ferro, areia,

¹⁸ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

combustível e até as enormes peças das turbinas. Sem ele, seria muito mais difícil concluir a obra que transformou Ilha Solteira em uma cidade planejada e que hoje fornece energia para milhões de pessoas.

O porto também foi o ponto de chegada de muitos trabalhadores que ajudaram a construir a cidade e que depois se tornaram moradores. Quando a obra da usina foi concluída, o movimento de cargas diminuiu e o porto se transformou no ponto turístico que conhecemos.

Ele é considerado um patrimônio histórico de Ilha Solteira, guardando a memória da época em que tudo começou.

REFERÊNCIAS:

TURISMO.SP. **Conheça o município turístico de Ilha Solteira.** Disponível em: https://www.turismo.sp.gov.br/conheca-o-municipio-turistico-de-ilha-solteira?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 15 set. 2025.

PERFIL NEWS. **Ilha Solteira: pescadores da região prestigiaram evento.** Disponível em: https://www.perfilnews.com.br/2004/05/26/ilha-solteira-pescadores-da-regiao-prestigiaram-evento/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 15 set. 2025.

ILHA.NEWS. **Porto terá obra de R\$ 9,30 mil com verba do Dadetur.** Disponível em: https://ilha.news/porto-tera-obra-de-r-930-mil-com-verba-do-dadetur/8245/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 15 set. 2025.

Zoológico de Ilha Solteira: Refúgio da Natureza | Miguel Sousa¹⁹

O Centro de Conservação da Fauna Silvestre (CCFS) de Ilha Solteira (SP) foi implantado em 1979 pela SESP. Está situado na Avenida Brasil Norte, no bairro central de Ilha Solteira. A instituição ocupa uma área de cerca de 18 hectares, com salas de preparo de alimentos, escritórios, biotério, ambulatório veterinário, recintos de quarentena e recintos de exposição.

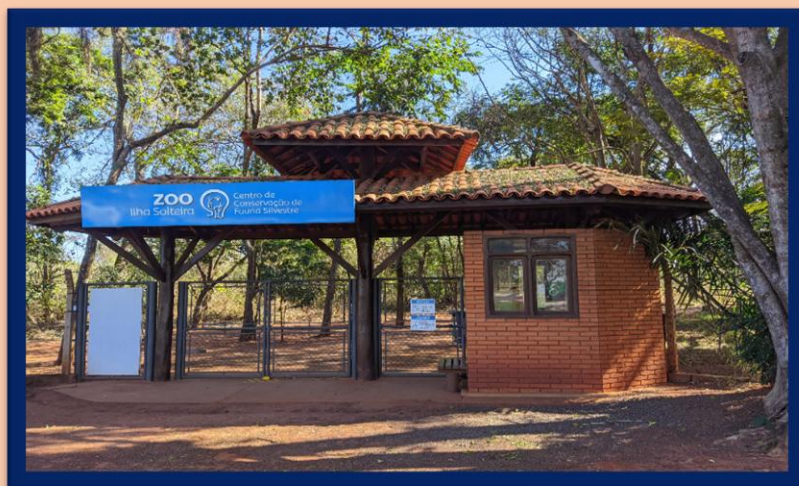
No início, o Centro de Conservação da Fauna Silvestre recebia animais que perderam seus habitats ou foram afetados pelas enchentes provocadas por projetos hidrelétricos. Atualmente, recebe animais que foram vítimas do tráfico de fauna silvestre ou que sofreram maus-tratos.

O CCFS abriga mais de 50 espécies de animais silvestres que pertencem à fauna da região de Ilha Solteira. O centro também realiza estudos, manejo e reprodução de várias espécies em risco de extinção, como, por exemplo, a onça-pintada (*Panthera onca*), o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), entre outras diversas espécies nativas da região.

Quanto ao horário de funcionamento, o CCFS abre às terças, quartas e quintas-feiras, em dois períodos: das 9h às 11h e das 14h às 16h. Também há funcionamento aos sábados, das 9h às 11h, porém as visitas devem ser agendadas previamente e são monitoradas.

A visita ao Centro de Conservação de Ilha Solteira exige certas condições, como agendamento prévio, documentação exigida e limitação de dias e horários.

¹⁹ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.



REFERÊNCIAS

REVISTA EA. **Centro de Conservação da Fauna Silvestre de Ilha Solteira (SP)**. Disponível em: <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3328>. Acesso em: 2 set. 2025.

PLACEDIGGER. **Centro de Conservação de Fauna Silvestre de Ilha Solteira – Zoológico**. Disponível em: <https://br.placedigger.com/centro-de-conservacao-de-fauna-silvestre-de-ilha-solteira---zoologico343305262.html>. Acesso em: 2 set. 2025.

A Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira | Guilherme Takahashi²⁰

A história da cidade de Ilha Solteira não pode ser contada sem destacar o grande empreendimento que deu origem a tudo: a construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, uma das maiores do Brasil. O projeto surgiu dentro do ambicioso plano de aproveitamento do rio Paraná, no Complexo de Urubupungá, que também inclui as usinas de Jupia e Três Irmãos.

As obras começaram em meados da década de 1960, mobilizando milhares de trabalhadores vindos de diferentes regiões do país. Para abrigar esse contingente, foi necessário erguer, praticamente do zero, uma cidade planejada: assim nasceu Ilha Solteira, em 1968, inicialmente como núcleo urbano destinado aos engenheiros, operários e suas famílias. O espaço urbano foi cuidadosamente planejado, com bairros organizados, escolas, comércio e serviços, de modo que a vida da comunidade se entrelaçava ao ritmo intenso das obras da usina.

A barragem, imponente com seus mais de cinco quilômetros de extensão, deu origem a um reservatório de aproximadamente 1.200 km², mudando para sempre a paisagem da região. A primeira turbina entrou em operação em 18 de julho de 1973, marcando o início da produção de energia que abasteceria grande parte do território brasileiro. No total, foram instaladas vinte unidades geradoras, alcançando uma potência impressionante de 3.444 MW, consolidando a usina como uma das maiores do país.

Entretanto, a grandiosidade da obra também trouxe dificuldades. A rotina era dura para os trabalhadores, e muitos enfrentavam condições de risco. Há relatos de acidentes durante a construção, típicos de obras desse porte, que marcaram a memória de famílias da região, ainda que nem sempre tenham sido amplamente divulgados. Esses episódios lembram o custo humano envolvido na realização de um empreendimento dessa magnitude.

²⁰ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

Com o passar das décadas, a Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira permaneceu como pilar estratégico da matriz elétrica nacional. Inicialmente administrada pela CESP, a usina passou, em 2016, à gestão da CTG Brasil, subsidiária da China Three Gorges Corporation. Desde então, investimentos vêm sendo realizados em modernização e manutenção das estruturas, garantindo eficiência e prolongando a vida útil da usina até meados do século XXI.

Hoje, a Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira é mais que uma obra de engenharia: ela é um símbolo da própria identidade da cidade. Foi ela que motivou a fundação do município, que trouxe milhares de pessoas para a região e que moldou o cotidiano da comunidade. Sua história, repleta de desafios, conquistas e transformações, continua a ecoar como parte inseparável da memória de Ilha Solteira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Companhia Energética de São Paulo (CESP)**. Histórico da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira. São Paulo, 1973.

CTG BRASIL. **UHE Ilha Solteira**. Disponível em: <https://www.ctgbr.com.br/unidade/uhe-ilha-solteira/>. Acesso em: 25 set. 2025.

ILHA NEWS. **Ilha Solteira foi criada em outubro de 1968**. Disponível em: <https://ilha.news/ilha-solteira-foi-criada-em-outubro-de-1968/7480/>. Acesso em: 25 set. 2025.

INFORMA MAIS. **Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira completa 50 anos**. Disponível em: <https://www.informamais.com.br/Site/Paginas/Usina-Hidreletrica-de-Ilha-Solteira-completa-50-anos/7916>. Acesso em: 25 set. 2025.

Monumento para Emancipar | Ana Ferraz²¹

Uma praça e um monumento eternizam em Ilha Solteira a luta dos que não mediram esforços para conquistar a tão sonhada emancipação político-administrativa da cidade. Foi graças à luta incansável de um grupo de moradores, reunidos na Comissão de Emancipação, que a cidade se tornou, finalmente, em 1991, um novo município brasileiro.

O monumento, erigido numa praça da avenida Brasil Sul, simboliza um grupo de moradores, em figuras estilizadas, cravando firme, no solo, a bandeira de Ilha Solteira. Inaugurado em 15 de outubro de 1993, o Monumento dos Emancipadores ostenta uma placa onde se lê: "O poder público homenageia o trabalho de toda a comunidade ilhense e constitui esse monumento em perpétua memória dessa conquista". Em 31 de dezembro de 2004, o monumento ganhou uma nova placa, onde constam os nomes de membros da Comissão de Emancipação.

Se a emancipação de Ilha Solteira pudesse ser resumida em duas palavras, elas seriam perseverança e obstinação. Creio ser um caso único na história do municipalismo paulista os níveis de organização e de profissionalismo encontrados na Comissão de Emancipação de Ilha Solteira, que jamais esmoreceu em momentos adversos. Cada obstáculo foi superado, ainda que fosse necessário recomeçar da estaca zero.

O livro de Fernando Sávio faz justiça a cada um desses lutadores e a um grande número de pessoas que, simpáticas à causa emancipacionista, deram importante contribuição para o desfecho positivo esperado pelo então distrito. O livro reconstitui de

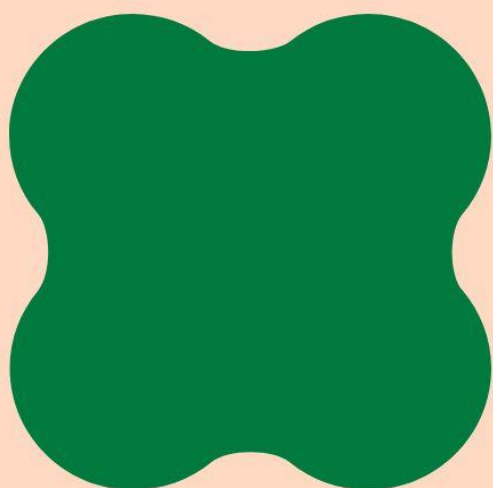
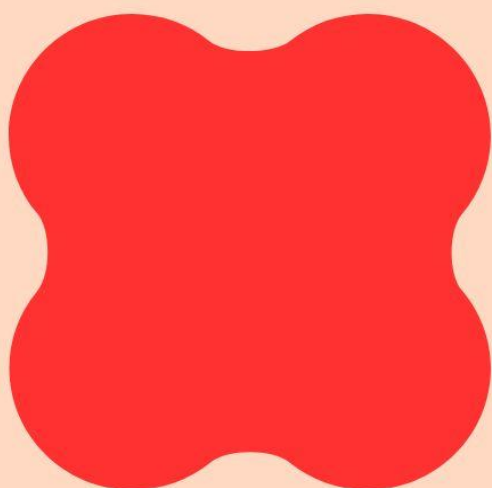
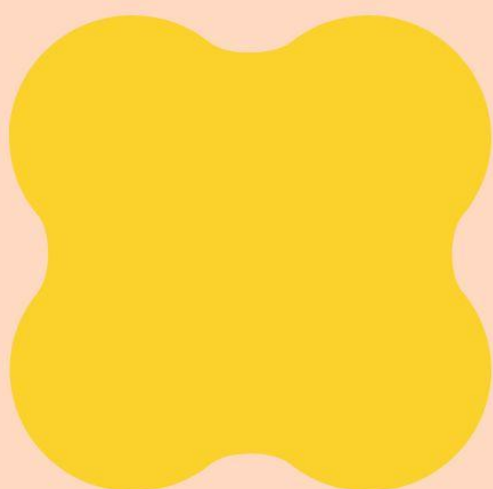
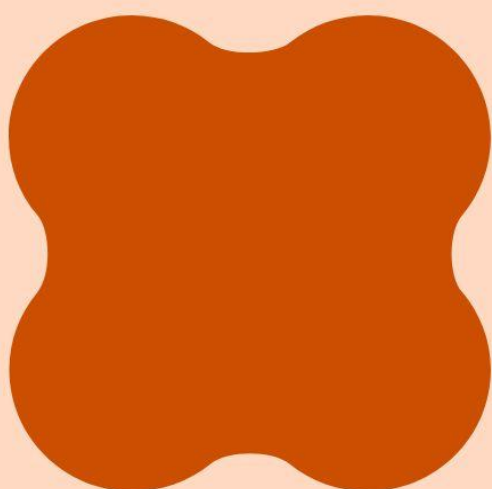
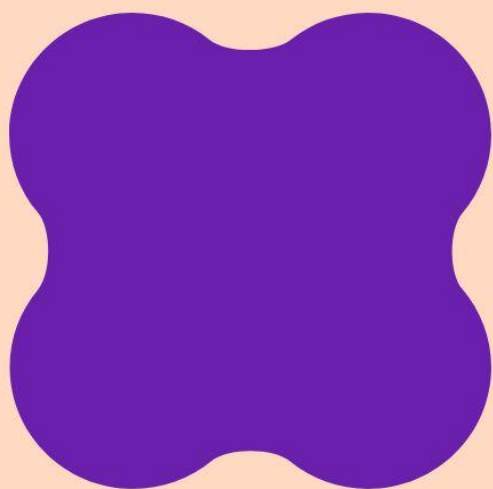
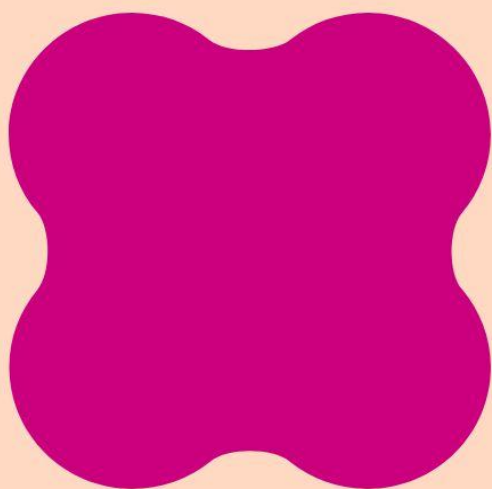
²¹ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

modo detalhado a história da Ilha Solteira, uma cidade criada para ser canteiro de obras, mas que, ao final da construção da hidrelétrica, fez valer sua vocação, tornando-se hoje estância turística e uma das cidades mais agradáveis para se viver no Estado de São Paulo.

Assim que a Constituição de 1988 devolveu aos estados a competência para legislar sobre fusão, incorporação e desmembramento de municípios, entendeu-se que era chegada a hora de ir mais longe. Na elaboração da Constituição do Estado de São Paulo, de novembro de 1988 a outubro de 1989, fui relator do capítulo "Dos municípios e regiões metropolitanas". Em 1990, apresentei projeto de Lei complementar 3/90, convertido na Lei Complementar 651/90, sancionada pelo governador Orestes Quécia. Com base nessa nova legislação, foram criados 72 novos municípios.

Na luta de Ilha Solteira, acompanhei de perto a saga de comerciantes, professores, barrageiros, funcionários públicos, homens e mulheres que abdicaram temporariamente da família, do trabalho e dos negócios para defender a emancipação. Para esses abnegados, era preciso evitar o esvaziamento do núcleo urbano já com mais de 25 mil habitantes e buscar meios de elevá-lo a município, desvinculando-o da administração da CESP e da condição de Distrito de Pereira Barreto. Assim, a população pôde, pelas urnas, escolher seus representantes e construir sua própria história.





PARTE V: EDUCAÇÃO

UNESP Ilha Solteira - Faculdade de Engenharia | Ana Clara de Souza Silva²²

A UNESP de Ilha Solteira é uma Universidade de ensino superior, sendo muito respeitada e disputada na região paulista. Atualmente ela disponibiliza os seguintes cursos: Ciências Biológicas, Engenharia Civil, Engenharia Agrônômica, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Zootecnia. A Criação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) foi através da Lei nº 952, em 30 de janeiro de 1976, surgiu a Faculdade de Engenharia Unesp do Campus de Ilha Solteira. O início das atividades acadêmicas do Câmpus de Ilha Solteira foi em 11 de abril de 1977, com os Cursos de Engenharia: Habilitações em Civil, Eletrica e Mecânica, contendo 30 vagas anuais em cada habilitação. Em 2006 houve uma alteração do nome da entidade para Diretório Acadêmico “Marco Eustáquio de Sá”, em homenagem ao Vice-diretor da época. Em 1978 iniciou o Curso de Tecnólogo de nível Superior em Ciências Agrárias, envolvendo Fitotécnica e Bovideocultura e sua estrutura curricular foi estabelecida através da Resolução Unesp nº 22, de 31 de agosto de 1979.

O principal objetivo da criação da Unesp, em 1976, foi unificar e otimizar os antigos “Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo”, que estavam espalhados pelo interior paulista, para aprimorar a oferta de ensino público gratuito, laico e de qualidade. A universidade visa a criação e transmissão de conhecimento, a formação de cidadãos críticos e a prestação de serviço à sociedade, tudo por meio de uma ação integrada e de qualidade em ensino, pesquisa e extensão.

²² Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

Imagem 01: UNESP



Fonte: ILHA DE NOTÍCIAS. Vestibular 2025: Engenharia Agrônômica é o curso mais concorrido da UNESP de Ilha Solteira. Ilha de Notícias, 31 out. 2024. Disponível em: <https://ilhadenoticias.com.br/vestibular-2025-engenharia-agronomica-e-o-curso-mais-concorrido-da-unesp-de-ilha-solteira/>. Acesso em: 21 set. 2025.

REFERÊNCIAS:

UNESP — Faculdade de Engenharia, Câmpus de Ilha Solteira. Histórico. *Ilha Solteira: UNESP*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.feis.unesp.br/#!/instituicao/historico/>. Acesso em: 21 set. 2025.

ETEC ILHA SOLTEIRA: RAÍZES DE UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA | Maria Lara Avelar Nantes²³

A trajetória de uma instituição que marcou gerações e impulsionou o desenvolvimento da cidade

A história da Escola Técnica Estadual (ETEC) de Ilha Solteira se mistura com a própria trajetória da cidade. Ilha Solteira nasceu como cidade planejada, na década de 60, para abrigar os trabalhadores da Usina Hidrelétrica da CESP. Com o crescimento populacional, logo surgiu a necessidade de fortalecer a educação, principalmente voltada para o ensino técnico e profissionalizante, capaz de atender às demandas locais e preparar jovens para o mercado de trabalho. A Escola Técnica Estadual de Ilha Solteira foi implantada em fevereiro de 1993, com a habilitação Profissional Plena de Técnico em Máquinas Navais. A criação da Escola foi motivada pelo desenvolvimento da Hidrovia Tietê-Paraná, assim como para a navegação interior brasileira, idealizada pela Diretoria de Hidrovias da CESP (Companhia Energética do Estado de São Paulo), através da Secretaria Estadual de Educação.

“A Escola Técnica Estadual de Ilha Solteira (ETEC de Ilha Solteira) foi implantada em fevereiro de 1993, e em 1994 a Escola passou a oferecer o curso Técnico em Eletrotécnica em curso regular (concomitantes com o Ensino Médio) e a partir de 1997 passou a oferecer cursos de qualificação profissional IV em Técnico em Eletrotécnica (curso modular em três semestres). No ato de sua criação, em 1994, o curso Técnico em Eletrotécnica herdou máquinas e equipamentos de laboratórios do mesmo curso que era até então oferecido pela CESP, no prédio do então Colégio Urubupungá em Ilha Solteira e alguns anos após recebeu equipamentos cedidos pela Unesp de Ilha Solteira.”

²³ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

Em 1996, a escola foi transferida para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - autarquia de regime especial, através da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, que mantinha 99 Escolas Técnicas e 9 Faculdades de Tecnologia, com habilitações nas áreas de serviços, industrial e agrícola. Sua criação atendeu a uma antiga reivindicação da comunidade, que buscava uma instituição capaz de oferecer ensino gratuito, de qualidade e com foco em áreas técnicas.

Nos primeiros anos de funcionamento, a escola iniciou suas atividades em prédios adaptados, até conquistar espaço próprio. Desde então, a instituição passou a se consolidar como referência na cidade, oferecendo cursos técnicos em diversas áreas, sempre alinhados às transformações do mundo do trabalho.

Figura 1 e 2 - 04 de dezembro de 1996 - Assinatura Convênio da Prefeitura Municipal de Ilha Solteira e Centro Estadual de Educação e Tecnológica “Paula Souza”.



Fonte: Biblioteca Municipal de Ilha Solteira Assis Chateaubriand

Ao longo de sua história, o curso Técnico em Eletrotécnica se firmou junto ao mercado de trabalho, construindo uma imagem sólida e respeitada, a ponto de diversas empresas já terem realizado suas seleções de colaboradores dentro das dependências da ETEC, e mesmo em tempos de Pandemia da Covid-19 seguiu com a colocação ativa de seus egressos em diversas empresas do Setor Elétrico, mantendo índices de empregabilidade em 2020, 2021 e 2022. Índices que se sustentam e/ou se elevam até os dias atuais.

A integração com a comunidade sempre foi um diferencial da instituição. A ETEC participa de projetos sociais, feiras tecnológicas, semanas de ciência e eventos culturais, contribuindo não apenas para a formação acadêmica, mas também para a vida cultural

e social de Ilha Solteira. A implantação do Ensino Médio Integrado ao Técnico, uniu a formação geral com a profissional, permitindo que os alunos concluíssem o ensino básico já preparados para atuar em áreas específicas. Isso transformou a escola em uma referência de qualidade educacional na região. Hoje, a instituição é reconhecida como um espaço de transformação social. Mais do que ensinar conteúdos técnicos, a ETEC de Ilha Solteira busca preparar cidadãos críticos, criativos e conscientes, capazes de contribuir para o desenvolvimento da cidade e da região.

Assim, a história da ETEC de Ilha Solteira não é apenas a história de uma escola, mas também de um projeto coletivo: um esforço conjunto entre comunidade, governo e alunos para construir oportunidades e abrir caminhos para o futuro.

REFERÊNCIAS:

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE ILHA SOLTEIRA. Vereadores entregam Moção de Congratulações à ETEC pelos 30 anos do Curso de Eletrotécnica. 2024. Disponível em: <https://www.cmilhasolteira.sp.gov.br/noticia/vereadores-entregam-mocao-de-congratulacoes-a-etec-pelos-30-anos-do-curso-de-eletrrotecnica-500709>. Acesso em: 21 set. 2025.

Escola Técnica de Ilha Solteira – ETEC. 2021. Disponível em: <https://etecisa.blogspot.com/2021/03/escola-tecnica-de-ilha-solteira-etec.html?lr=1758472368515>. Acesso em: 21 set. 2025.

Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de São Paulo (IFSP) | Ana Laura dos Santos Fazzan²⁴

O *Campus* Avançado Ilha Solteira está localizado na Alameda Tucuruí, 164 – Zona Norte, na cidade de Ilha Solteira.

Em 27 de maio de 2014 com a Lei Complementar nº 315, a Prefeitura Municipal de Ilha Solteira deu o primeiro passo para a efetiva implantação do IFSP, pois desafetou um de seus imóveis e extinguiu a Fundação Municipal de Educação e Desenvolvimento Social de Ilha Solteira (FUNEDISA). No mês de outubro do mesmo ano, o Campus Avançado iniciou suas atividades ofertando 60 vagas para o curso de extensão intitulado como “Desenho Auxiliado por Computador: Autocad básico”, as quais foram distribuídas em duas turmas, e as aulas, ministradas nas dependências da universidade estadual paulista “Júlio Mesquita”- faculdade de engenharia de Ilha Solteira (UNESP/FEIS) pelo Coordenador de Implantação do Campus Avançado Eng. Dr. Wilson José da Silva, que atualmente é professor do Instituto.

No início de 2015, por meio da Lei nº 2.170, de 11 de fevereiro de 2015, foi celebrado um convênio entre o Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e a Prefeitura Municipal de Ilha Solteira, no qual a administração municipal se comprometeu a oferecer apoio para a estruturação e início das atividades nas instalações do “novo prédio”. Ao longo do ano, foram realizadas três fases de audiência pública, que regulamenta a realização dessas audiências. Durante esse processo, foram determinados tanto o eixo tecnológico quanto os cursos que seriam ofertados pelo *Campus* Avançado de Ilha Solteira.

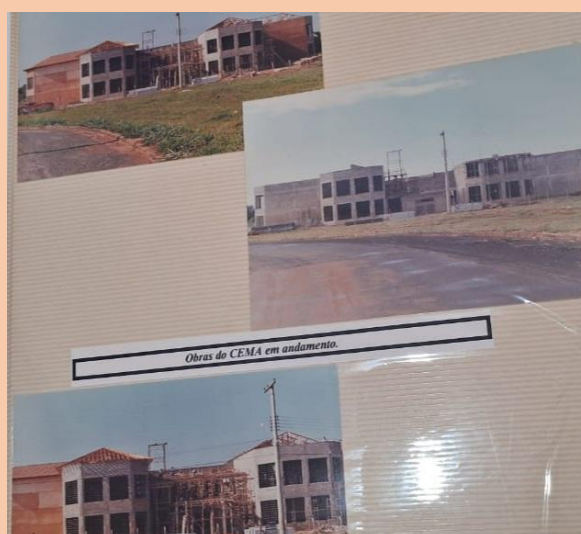
Conforme registrado nas atas da segunda e terceira etapas das audiências públicas, foi escolhido o eixo tecnológico de Infraestrutura / Construção Civil. Também

²⁴ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

ficou definido que o Curso Técnico em Edificações seria o primeiro curso técnico a ser implantado na cidade pelo IFSP. Ao todo, 227 pessoas candidataram-se.

Atualmente, o Instituto Federal oferece aulas de Ensino Médio com especialização em dois cursos técnicos, sendo eles: “Técnico em Edificações” e “Técnico em Desenho de Construção Civil”.

Imagem 1: Construção do prédio



Fonte: Arquivos encontrados na Biblioteca Pública

Imagem 2: Prédio atual, após reformas recentes



Fonte: Arquivo pessoal

Apesar de “jovem”, o Campus Avançado Ilha Solteira almeja ser referência de ensino gratuito e de qualidade no município de Ilha Solteira.

REFERÊNCIAS:

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO (IFSP) — Câmpus Avançado Ilha Solteira. *Histórico da instituição.* [S.l.]: IFSP, [s.d.]. Disponível em: <https://ist.ifsp.edu.br/index.php/component/content/article/60-menu-superior/institucional/77-historico-da-instituicao#:~:text=O%20C%C3%A2mpus%20Avan%C3%A7ado%20Ilha%20Solteira%20faz%20parte,27%2C%20de%2021%20de%20janeiro%20de%202015>. Acesso em: 19 set. 2025.

Escola Municipal de Educação Infantil Eva Costa de Souza | Gabriely Monteiro Leite²⁵

A história da escola está diretamente ligada ao contexto de fundação da cidade de Ilha Solteira, que nasceu em 1968 como um núcleo urbano planejado para receber os trabalhadores da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira. Desde sua origem, a cidade precisou estruturar serviços públicos essenciais, como moradia, saúde e educação, para atender às famílias que se instalaram na região. Nesse cenário, a criação de escolas municipais como a Eva Costa se tornou fundamental para garantir que as novas gerações crescessem com acesso à educação de qualidade desde a infância.

A estrutura da escola é voltada para o acolhimento de crianças pequenas, contando com salas adaptadas, espaços de recreação, pátio, refeitório e ambientes pedagógicos que estimulam a aprendizagem por meio do brincar. A instituição é reconhecida também pela proximidade com as famílias, reforçando o caráter comunitário da educação infantil. Além de sua função pedagógica, a EMEI Eva Costa participa de projetos e iniciativas sociais desenvolvidos no município. Um exemplo marcante foi sua participação no projeto Reciclóleo, que promoveu a conscientização ambiental a partir da coleta de óleo de cozinha usado, envolvendo alunos, professores e familiares em práticas sustentáveis. Esse tipo de iniciativa mostra como a escola vai além do papel de ensino formal, contribuindo para a formação cidadã e para a preservação ambiental desde cedo.

²⁵ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.



Imagem 01: Escola Municipal de Educação Infantil Eva Costa de Souza.

Com o passar dos anos, a EMEI Eva Costa se consolidou como um espaço de referência para a comunidade local. Professores, funcionários, pais e ex-alunos mantêm laços de memória afetiva com a instituição, lembrando festivais escolares, atividades culturais e até reformas realizadas ao longo do tempo. Dessa forma, a escola não é apenas um local de aprendizado, mas também um verdadeiro patrimônio comunitário, que guarda parte da história e da identidade de Ilha Solteira.

Assim, ao contar a história da EMEI Eva Costa de Souza dentro deste livro, valorizamos não apenas uma escola, mas também um símbolo da formação da cidade. Mais do que um prédio ou uma instituição, ela representa um marco de cuidado, educação e pertencimento, acompanhando a trajetória de diversas famílias que fizeram e continuam fazendo parte da vida em Ilha Solteira.

Referências:

ILHA SOLTEIRA. **Prefeitura Municipal. Unidades Escolares** – EMEI Eva Costa de Souza. Disponível em: <https://www.ilhasolteira.sp.gov.br>. Acesso em: 19 set. 2025.

ESCOLA BRASIL. **Escola Municipal de Educação Infantil Eva Costa de Souza**. Disponível em: <https://escolabrasil.com.br/escolas/emei-eva-costa-de-souza-272441>. Acesso em: 19 set. 2025.

BRASIL. **Ministério da Educação. Cadastro Nacional da Educação Básica – EMEI Eva Costa de Souza.** Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/35068760-emei-eva-costa-de-souza>. Acesso em: 19 set. 2025.

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA – ANEEL. **Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira.** Disponível em: <https://www.aneel.gov.br>. Acesso em: 19 set. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ILHA SOLTEIRA. **Projeto Reciclóleo premia escolas participantes.** Disponível em: <https://www.ilhasolteira.sp.gov.br/noticias/recicloleo>. Acesso em: 19 set. 2025.

Creche Pequeno Polegar em Ilha Solteira | Larissa Kaori Kuriyama²⁶

A presente elaboração tem por objetivo consolidar informações públicas e recentes sobre a EMEI O Pequeno Polegar, oferecendo um documento em conformidade com padrões ABNT para uso por equipes técnicas, direção escolar, Conselho de Escola e órgãos do município. As informações reunidas destinam-se a subsidiar análises de gestão, manutenção e possível comunicação com famílias.

A EMEI O Pequeno Polegar é uma unidade de educação infantil municipal que atende etapas de creche e pré-escola. Ele está situado na Rua Cabo Frio, 513 - Centro de Ilha Solteira - SP, CEP 15385-000. Relatos em portais de educação e do próprio município indicam que a unidade dispõe de salas climatizadas, biblioteca, pátio e áreas externas para recreação. Essas descrições aparecem em perfis institucionais e cadastros escolares.



Imagem 01: Foto da frente da creche

Dados do Censo Escolar e portais educacionais indicam turmas nas etapas de creche (maternal) e pré-escola, com número aproximado de matrículas reportadas em

²⁶ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

determinados anos de referência. Recomenda-se confirmar os números atualizados diretamente com a Secretaria Municipal de Educação para fins administrativos.

A EMEI O Pequeno Polegar é uma unidade municipal de Educação Infantil de Ilha Solteira que oferece atendimento em creche e pré-escola, com cadastro em bases oficiais. As informações consultadas fornecem dados básicos que são suficientes para um panorama inicial; contudo, recomenda-se complementação com verificação local e consulta direta à Secretaria de Educação. O número de telefone para mais informações: (18) 3743-6052.

REFERÊNCIAS:

QEDU. O Pequeno Polegar — EMEI: informações de cadastro escolar e INEP. Disponível em: https://qedu.org.br/escola/35097676-o-pequeno-polegar-emei?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 20 set. 2025.

ESCOL.AS. EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil O Pequeno Polegar. Disponível em: https://www.escol.as/197057-o-pequeno-polegar?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 20 set. 2025.

EMEF Professora Lúcia Maria Donato | Kauany Pires de Oliveira²⁷

A escola Lúcia Maria Donato é uma escola pública do município de Ilha Solteira que atende a alunos de anos iniciais, a escola foi fundada em 31 de Janeiro de 1981 como 3ª escola estadual de primeiro grau em 1992 alterou o nome para o qual conhecemos hoje, Lúcia Maria Donato de Garcia que foi oficializado em 1996, este nome foi homenagem a uma docente, desde seu projeto teve como objetivo principal a se tornar uma escola pública, diferente de algumas escolas do município que eram prédios que eram o usados e depois de abandonados foram reutilizados para o ensino.

Nos últimos anos a escola vem sendo alvo de elogios por proporcionar diversos projetos culturais e educativos, um desses projetos tem o nome de “Música na escola” que trazem apresentações da orquestra de jovens de Ilha Solteira para os alunos, com objetivo de aproximar a cultura a eles desenvolvendo a diversidade, inclusão e cidadania.

²⁷ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.



Imagem 01: Escola EMEF Professora Lúcia Maria Donato Garcia

Infelizmente em setembro de 2022 a escola foi alvo de furto e vandalismo sendo roubada uma tv que ficava na sala de aula, e o mesmo ocorrido se repetiu no ano de 2025 em janeiro desta vez sendo furtado 30 metros de fios de cobre da instalação de energia do ar condicionado, mostram a vulnerabilidade do patrimônio escolar, mas também reforça o auto cuidado que os moradores, professores e alunos devem ter com a escola, é símbolo de resistência formando alunos de várias gerações.

REFERÊNCIAS:

EMEF Profª Lúcia Maria Donato Garcia. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/35207573-lucia-maria-donato-garcia-emef> Acesso em: 20 set. 2025

EMEF Lucia Maria Donato Garcia. Disponível em: <https://www.escol.as/205231-lucia-maria-donato-garcia> Acesso em: 20 set. 2025.

Escola municipal Lúcia Maria é furtada novamente. Disponível em: <https://ilha.news/escola-municipal-lucia-maria-e-furtada-novamente/21375/> Acesso em: 20 set. 2025.

CEI- Guilherme Giantomassi Gomes | Taís Vitoria Martins de Souza²⁸

O Centro de Educação Infantil “Guilherme Giantomassi Gomes” é uma entidade pública prestadora de serviços educacionais, instituída em 22 de junho de 2016, com sede no prédio situado na Rua Grajaú, 246 – Zona Norte.

A escola tem como papel social encaminhar ações por meio de processos educativos humanizados que busquem despertar o compromisso social dos indivíduos, tornando-os capazes de promover mudanças e transformações. A Unidade Escolar preza pela liberdade, pelos princípios éticos e pelas boas relações sociais.

Sua missão é permitir o desenvolvimento e potencializar a capacidade intelectual, cognitiva e social, promovendo o conhecimento com afeto e respeito, de forma lúdica e criativa. Acredita-se que, por meio de uma educação de qualidade, baseada na moral e na ética, o indivíduo se tornará mais tolerante e consciente de seus atos em relação ao mundo que o cerca.



²⁸ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

O Centro de Educação Infantil ministra em dois turnos: matutino, das 7h30 às 11h30, e vespertino, das 12h45 às 16h45. A Unidade Escolar atende crianças de 04 meses a 03 anos de idade, abrangendo as faixas etárias de Berçário I a Maternal II.

Está estruturada em prédio público, contando com salas destinadas à coordenação e direção, sala de professores, secretaria, almoxarifado para materiais, instalações sanitárias masculinas e femininas, salas de aula, sala de Atendimento Educacional Especializado, cozinha, pátio parque e tanque de areia.

A Unidade Escolar oferece um ambiente propício ao desenvolvimento de cada aluno e do grupo como um todo, sendo equipada de forma a garantir segurança e conforto. Possui materiais didáticos e pedagógicos, brinquedos e mobiliários adequados para o atendimento de cada faixa etária.

Dessa forma, o Centro de Educação Infantil reafirma seu compromisso com o desenvolvimento integral das crianças, oferecendo um espaço seguro, acolhedor e estimulante. Mais do que ensinar, a escola assume o papel de cuidar, educar e formar valores, preparando os pequenos para se tornarem cidadãos conscientes e participativos. Assim, garante às famílias a certeza de que seus filhos estão inseridos em um ambiente que valoriza o afeto, o respeito e a educação.

A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSOR PAULO FREIRE | Sabrina Barbosa²⁹

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professor Paulo Freire está localizada no Bairro Jardim Aeroporto, em Ilha Solteira – SP. O bairro é uma área de expansão urbana planejada, formada inicialmente para atender às necessidades habitacionais de famílias trabalhadoras da cidade. Inserida nesse contexto, a escola funciona como ponto de referência comunitário, promovendo a integração entre moradores e fortalecendo o papel do espaço público no desenvolvimento social do território.

A unidade atende aos anos iniciais do ensino fundamental, em período diurno e presencial. Sua infraestrutura conta com salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, quadra poliesportiva e área de recreação. Esses espaços foram pensados para favorecer o processo de ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo, proporcionar convivência e lazer, alinhando-se à função do urbanismo escolar de integrar o ambiente físico à formação cidadã.

Em 2025, a EMEF Paulo Freire recebeu uma Moção de Congratulação da Câmara Municipal de Ilha Solteira, em reconhecimento ao trabalho desenvolvido junto à comunidade. A homenagem destacou o empenho de sua equipe pedagógica e a relevância da escola para a construção de uma educação inclusiva e democrática.

²⁹ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.



Foto: EMEF Paulo Freire, Ilha Solteira

A escolha do nome da instituição faz referência ao educador Paulo Freire, que defendia a educação como prática de liberdade e instrumento de transformação social. Nesse sentido, a escola adota práticas pedagógicas que incentivam o diálogo, a participação ativa dos estudantes e o fortalecimento da consciência crítica, valores fundamentais para a formação de cidadãos e para a consolidação de uma cidade mais justa e democrática.

REFERÊNCIAS

CÂMARA MUNICIPAL DE ILHA SOLTEIRA. **Câmara concede moção de congratulação para EMEF Professor Paulo Freire.** Ilha Solteira, 2025. Disponível em: <https://www.cmilhasolteira.sp.gov.br/noticia/camara-concede-mocao-de-congratulacao-para-emef-professor-paulo-freire-500549>. Acesso em: 25 set. 2025.

ILHA SOLTEIRA. **Prefeitura Municipal. Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire.** Ilha Solteira, 2025^a. Disponível em: <https://www.ilhasolteira.sp.gov.br/>. Acesso em: 25 set. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Trajetória da Escola Lea Silva Moraes | Matheus Albuquerque da Silva³⁰

A Escola Estadual “Professora Lea Silva Moraes”, localizada na Avenida Brasil Sul, nº820, em Ilha Solteira, ministra o Ciclo II e III do Ensino Fundamental, atendendo alunos do 6º ao 9º ano. A instituição foi instalada em 28 de fevereiro de 1972, recebendo inicialmente o nome de II GESC (Grupo Escolar de Ciclo II) de Ilha Solteira. Em 21 de Janeiro de 1976, por meio da Resolução da SE (Secretaria da Educação) publicada no DOE (Diário Oficial do Estado) em 24 de janeiro do mesmo ano, passou a denominar-se 2ª EEPG (Escola Estadual de Primeiro Grau) de Ilha Solteira. Posteriormente, foi reorganizada e recebeu o nome de EEPG “Professora Lea Silva Moraes”. Já em janeiro de 2014, passou a integrar o Programa Escola de Ensino Integral, ampliando sua carga horária e sua proposta pedagógica.

A escola funciona em período integral, das sete horas da manhã às quatro horas da tarde. Além dos componentes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a instituição oferece atividades educativas diversificadas, alinhadas às vocações, interesses e realidades dos estudantes. Entre elas, destacam-se as disciplinas eletivas, que permitem aos alunos escolher temas de seu interesse; Projeto de Vida, que auxilia os estudantes no planejamento de seus objetivos pessoais e profissionais; Protagonismo Juvenil, que incentiva a participação ativa dos jovens em decisões e projetos; a área de Tecnologia e Inovação, voltada para o desenvolvimento de habilidades digitais. Todas essas iniciativas têm como objetivo tornar a aprendizagem mais significativa e estimulante.

Os objetivos principais da escola são estimular e incentivar o protagonismo dos alunos, motivando-os para o estudo, a pesquisa e o convívio social; promover inclusão de alunos com necessidades especiais, conforme prevê a legislação vigente e de acordo com as condições da instituição.

³⁰ Estudante da disciplina *Urbanismo, Patrimônio e Sociedade* do Instituto Federal de Ilha Solteira (IFSP), do curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, participaram ativamente do processo de pesquisa e mapeamento dos patrimônios materiais e imateriais da cidade.

A Escola Lea Silva Moraes também se destaca pela realização de eventos abertos à comunidade, que fortalecem a interação entre o espaço escolar e a população local. Entre eles está a festa do Sorvete, um evento de caráter social e recreativo no qual os participantes podem saborear diferentes tipos de sorvetes, ao mesmo tempo em que contribuem para a arrecadação destinadas a projetos da escola. Também possuem a Festa das Nações, que valoriza a diversidade cultural ao apresentar danças e comidas típicas. A tradicional festa Junina é outro momento de integração, trazendo barracas de comidas típicas, apresentações de quadrilha, músicas e brincadeiras, reunindo famílias, alunos e moradores da cidade. Esses eventos promovem lazer, mas também reforçam a identidade cultural e o vínculo entre a escola e a comunidade.

Imagem 01: Escola Lea



Fonte: Retirada pelo próprio autor

REFERÊNCIA

EE PROFª LEA SILVA MORAES. **Boas práticas: Padlet “2025 – EE Profª Lea Silva Moraes – Boas práticas”**. 2025. Disponível em:

<https://padlet.com/leasilvaboaspraticas2025/2025-ee-prof-lea-silva-moraes-boas-praticas-g5pxdcvnnfbs9mke>. Acesso em: 17 set. 2025.

CADA CIDADE CARREGA UM POUCO DE NÓS EM SEUS DETALHES: HISTÓRIA DE ILHA SOLTEIRA (SP) | Marcos da Cruz Alves Siqueira³¹

Introdução: pensando uma narrativa sobre Ilha Solteira (SP)

Toda narrativa representa uma possibilidade de materializar as memórias de um povo e seu desenvolvimento. Nesse sentido, a narrativa construída neste texto busca refletir sobre a memória e a história da cidade de Ilha Solteira (SP), localizada no extremo noroeste do estado de São Paulo. Contudo, como qualquer construção narrativa, este trabalho pode deixar lacunas de informações que escapa da escrita do historiador. Assim, cabe ao leitor a responsabilidade de contribuir para o enriquecimento dessa narrativa, uma vez que a história de uma cidade deve ser construída de forma coletiva e contínua.

Este texto apresenta marcos históricos de Ilha Solteira (SP) (SP) com base em informações coletadas de livros, trabalhos acadêmicos e mídias digitais. Vale destacar que este relato está em constante construção, pois as cidades, assim como suas comunidades, passam por transformações contínuas ao longo dos anos. Cada indivíduo que habita a cidade deixa sua marca, contribuindo para a tessitura de sua história nos pequenos e grandes detalhes.

³¹ Sou homem, negro, LGBTQIA+, paranaense (porém, descendente de nordestinos que vieram trabalhar nas plantações de café). Coordenador-adjunto dos Cursos de Agente e Gestão em Economia Solidária do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Realizei minha graduação em História pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) no período noturno porque me possibilitava trabalhar durante o dia para concluir meus estudos. Após a graduação, decidi realizar a especialização em Pesquisa Educacional pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) vindo a concluir o curso com trabalho sobre cartografias sexuais no âmbito educativo (2013). Após a especialização, realizei o mestrado em Ensino com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) com dissertação sobre diversidade sexual e homofobia no âmbito educativo (2015). As provocações ocorridas no mestrado levaram-me a realizar o processo de doutoramento em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) com pesquisa na área de gênero e sexualidade na mídia religiosa (2021). Tal trajetória acadêmica me levou à docência como professor efetivo no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) campus de Ilha Solteira (SP). Além disso, a instituição oportunizou a realizar minha segunda graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ipatinga (2021) e licenciatura em Teatro pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (FAMOSP), ainda em curso. Pensando em contribuir para a pesquisa na rede federal realizei estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) com o projeto "Etnografando Reminiscências LGBTI+: trajetórias com tecituras de resistências ao falar de si" (2021-2022).

Antes das iniciativas de colonização e da construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira (SP), a região era habitada por povos indígenas, incluindo os Terena, Kaiowá e Guarani, fugindo dos bandeirantes. Traços dessas populações podem ser encontrados em artefatos arqueológicos preservados no Museu Histórico da Colonização de Pereira Barreto (SP), localizado a 42 km de Ilha Solteira (SP). Pereira Barreto (SP) foi a antiga sede administrativa de Ilha Solteira (SP) e abriga um acervo significativo de objetos que documentam a presença indígena na região. Essas comunidades mantinham modos de vida profundamente conectados ao bioma do cerrado e às margens do Rio Paraná, que foram severamente impactados pelo projeto hidrelétrico. Ainda assim, há uma lacuna de estudos sobre a presença indígena no interior paulista, evidenciando a necessidade de maior investigação acadêmica e histórica.

Ao explorar a história de Ilha Solteira (SP), frequentemente observa-se um enfoque exclusivo na construção da hidrelétrica, relegando outros aspectos relevantes, como a ocupação indígena e os processos de transformação territorial. A fundação da cidade ocorreu no contexto do regime militar (1964–1985), um período marcado por grandes projetos de infraestrutura com vistas à modernização e à integração nacional. Ilha Solteira (SP) foi planejada como parte de uma estratégia governamental voltada ao desenvolvimento energético e à ocupação populacional, sem pensar nas comunidades indígenas que já resistiam para se manter vivas e preservar suas terras, mas seu processo de emancipação política também revela as tensões e adaptações locais frente às profundas mudanças socioeconômicas promovidas pelo regime.

Dessa forma, este texto busca ressaltar aspectos essenciais da história e do desenvolvimento de Ilha Solteira (SP), aproximando sua historicidade dos acontecimentos nacionais. No próximo tópico, serão apresentados elementos centrais para a compreensão do crescimento da cidade, permitindo ao leitor identificar as conexões entre a trajetória local e os eventos históricos do Brasil.

Planejamento, Desenvolvimento e Emancipação

O nome "Ilha Solteira (SP)" tem origem geográfica e histórica, relacionado a uma formação insular localizada no Rio Paraná, nas proximidades onde a cidade foi construída. Essa ilha, que é conhecida pelos habitantes locais antes mesmo da

construção da usina, destacava-se por sua posição isolada e solitária em meio ao rio, inspirando o nome que, posteriormente, batizaria o município. A denominação reflete a relação da região com o rio e suas paisagens naturais, reforçando a identidade local e sua conexão com os recursos hídricos que foram fundamentais para o desenvolvimento da cidade e da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira (SP) (SILVA, 2015).

A cidade de Ilha Solteira (SP) inicialmente planejada e construída para atender às demandas do projeto hidrelétrico, gradualmente adquiriu características próprias que culminaram em sua emancipação política. Mas, antes dessa emancipação ocorreram alguns embates políticos. Originalmente administrada como distrito do município de Pereira Barreto (SP) (SP), a cidade experimentou um rápido crescimento populacional durante a construção da usina, atraindo trabalhadores de diversas regiões do Brasil. Esse crescimento foi acompanhado por uma organização urbana singular, fruto de um planejamento detalhado realizado na década de 1960 para acolher os trabalhadores envolvidos no projeto da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira (SP). Uma das características mais marcantes desse planejamento é a divisão habitacional em níveis, que refletia a hierarquia funcional da época e molda, até hoje, a configuração do município (SILVA, 2015).

As habitações foram organizadas em quatro níveis principais, cada um destinado a diferentes categorias de trabalhadores. As casas de Nível 1, destinadas aos operários, possuíam um design funcional e dimensões modestas, atendendo às necessidades básicas dos moradores e possuía apenas um quarto. Já as casas de Nível 2, destinadas a técnicos e supervisores, apresentavam padrões intermediários de tamanho e qualidade e possuía dois quartos (BARROS, 2018). As casas de Nível 3, voltadas a trabalhadores administrativos e operacionais, eram compactas, porém bem estruturadas e possuía 3 quartos. Por fim, as casas de Nível 4, destinadas a engenheiros e diretores, destacavam-se pelo espaço amplo, quintais generosos e localização privilegiada, próximas às áreas centrais e praças da cidade e possuía mais de três quartos (SANTOS, 2020).

Embora concebidas para atender às demandas específicas da época, as habitações de Ilha Solteira (SP) ainda dialogam com conceitos modernos de arquitetura. A uniformidade no estilo construtivo, a presença de ruas largas, áreas verdes e a proximidade de serviços essenciais evidenciam o caráter planejado da cidade. A

infraestrutura avançada, que incluía saneamento básico e energia elétrica, também era inovadora para os padrões da época de 1960 (CAMPOS, 2017).

Com o passar dos anos, a privatização e a adaptação das moradias pelos moradores trouxeram alterações às estruturas originais. No entanto, a organização em níveis permanece perceptível e integra a identidade urbana da cidade. Esse modelo de planejamento habitacional não apenas reflete as necessidades de um período específico, mas também constitui um marco na história urbanística brasileira (OLIVEIRA, 2019).

Além das divisões habitacionais, a organização social da cidade, entre as décadas de 1960 e 1980, também reproduziu hierarquias. Por exemplo, clubes sociais eram segregados entre operários e diretores. A Zona Sul, habitada majoritariamente por moradores dos níveis 3 e 4, contrastava com a Zona Norte, onde residiam os trabalhadores dos níveis 1 e 2. Essa herança segregacionista foi se desfazendo a partir de 1980, quando a instalação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) trouxe estudantes de diversas regiões do país, conferindo à cidade uma nova identidade universitária.

Com o crescimento econômico e o aumento da autonomia local, emergiram movimentos populares reivindicando a emancipação política de Ilha Solteira (SP) em relação a Pereira Barreto (SP). Entre eles, destaca-se o Movimento dos Emancipadores. A centralização administrativa em Pereira Barreto (SP) e a distância física dificultavam a resolução de questões locais. A emancipação era vista como uma oportunidade de garantir maior controle sobre as receitas geradas pela usina e de atender às demandas da população local de maneira mais eficiente.

O movimento pela emancipação foi liderado por moradores locais, líderes comunitários e trabalhadores da usina, que viam nesse processo a possibilidade de melhorar suas condições de vida e trabalho. Esses grupos organizaram comitês, realizaram protestos e mobilizações políticas para pressionar o governo estadual. O apoio de políticos locais também foi crucial para dar visibilidade ao movimento e ampliar sua influência.

Após intensas mobilizações, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo aprovou, em 1969, a Lei Estadual nº 8.581, que criou oficialmente o município de Ilha Solteira (SP). Contudo, apenas em 30 de dezembro de 1991, a cidade tornou-se um município autônomo, conquistando o direito de gerir suas próprias questões administrativas e econômicas. A emancipação, fruto da mobilização popular, reconheceu que Ilha Solteira (SP) já possuía uma estrutura urbana e econômica consolidada, capaz de sustentar-se de forma independente (FERNANDES, 2015).

A luta pela emancipação consolidou a identidade de Ilha Solteira (SP), que ainda mantém suas raízes na construção da hidrelétrica e na busca por autonomia. Esse processo, além de marcar a história local, simboliza a capacidade da população de reivindicar seu espaço político e econômico, promovendo o desenvolvimento de uma cidade planejada e consciente de seu papel no contexto regional e nacional.

Uma História que Precisa Ser Revisitada: Ilha Solteira (SP) e a Ditadura Militar

A construção de Ilha Solteira (SP) (SP) é um exemplo emblemático do modelo de desenvolvimento promovido pelo regime militar brasileiro (1964-1985), caracterizado por sua visão centralizadora e desenvolvimentista. Esse período priorizava obras de infraestrutura de grande porte, vistas como fundamentais para estimular o crescimento econômico e consolidar a presença estatal em regiões estratégicas. Nesse contexto, a construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira (SP) e de sua cidade-satélite, projetada para abrigar trabalhadores e suas famílias, sintetiza as diretrizes do regime, que combinavam modernização tecnológica, controle territorial e a busca por simbolizar o progresso nacional, sem pensar nos impactos ambientais.

O planejamento urbano de Ilha Solteira (SP) baseou-se nos princípios do modernismo funcionalista, inspirados nas ideias de **Le Corbusier** e no movimento das **cidades-jardim**. A cidade foi dividida em setores residenciais, comerciais e de serviços, interligados por amplas avenidas e cercados por áreas verdes, com o objetivo de oferecer qualidade de vida aos habitantes. Segundo Rodrigues e Leite (2015), essa estrutura urbana refletia o desejo do regime de apresentar o Brasil como um país moderno e organizado, capaz de criar utopias desenvolvimentistas em regiões remotas.

Planejada para abrigar cerca de 50 mil habitantes no auge das obras da usina, iniciadas em 1967 e concluídas em 1973, Ilha Solteira (SP) era um exemplo de cidade-satélite construída para atender a demandas específicas. A Companhia Energética de São Paulo (CESP), responsável pelo projeto, buscava não apenas atrair mão de obra qualificada, mas também manter um controle efetivo sobre os trabalhadores, um aspecto comum em cidades planejadas sob regimes autoritários, onde o controle social era uma prioridade (OLIVEIRA, 2007).

A CESP teve um papel central na concepção de Ilha Solteira (SP), como parte de um ambicioso projeto de infraestrutura energética. Fundada em 1966, a companhia foi incumbida de implementar obras de grande porte para atender à crescente demanda energética do Brasil em processo de industrialização. A Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira (SP), localizada no Rio Paraná, destacou-se como uma das maiores hidrelétricas do país à época, hoje concedida para China *Three Gorges Corporation* (CTG), com capacidade instalada de mais de 3,4 GW, e tornou-se peça-chave na expansão do sistema elétrico interligado nacional, fortalecendo o setor energético paulista e nacional.

Apesar da imagem de progresso associada à construção de Ilha Solteira (SP), os impactos sociais e ambientais foram profundos. A criação do reservatório para a usina resultou na inundação de uma vasta área, destruindo ecossistemas fluviais e deslocando cerca de 2 mil famílias, incluindo populações ribeirinhas e indígenas. Segundo Martins (2009), as compensações oferecidas foram insuficientes, deixando essas populações em condições de vulnerabilidade. Além disso, as dinâmicas sociais e culturais locais foram ignoradas, e a cultura das populações nativas foi suprimida em favor de uma visão tecnocrática de desenvolvimento, característica recorrente dos megaprojetos da ditadura, como a Transamazônica e Itaipu Binacional.

A construção de cidades planejadas como Ilha Solteira (SP) também atendeu aos interesses geopolíticos do regime militar, consolidando a ocupação de áreas remotas e reforçando a autoridade estatal sobre o território nacional. Para Oliveira (2007), essas cidades simbolizavam uma extensão do autoritarismo do regime, combinando o discurso de progresso com mecanismos de vigilância e controle social. Além disso, o caráter monumental de obras como a Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira (SP) representava a

capacidade do Estado de moldar a paisagem natural e transformá-la em benefício do desenvolvimento econômico.

Esse modelo desenvolvimentista, no entanto, trouxe consigo contradições. Embora tenha promovido modernização e expansão econômica, gerou impactos sociais e ambientais significativos. A imposição de uma visão unilateral de progresso, desconsiderando as especificidades culturais e sociais locais, deixou marcas profundas nas populações afetadas e na paisagem natural da região. Assim, Ilha Solteira (SP) se torna um testemunho das ambivalências do projeto autoritário de desenvolvimento, simbolizando tanto o avanço tecnológico quanto os custos humanos e ambientais desse modelo.

Por fim, a história de Ilha Solteira (SP) é também a história de uma luta por preservação e memória. Revisitar sua trajetória durante a ditadura militar é essencial para compreender os desafios enfrentados por populações deslocadas, os impactos ambientais e as heranças urbanísticas que moldaram a cidade. Tal reflexão é indispensável para repensar o modelo de desenvolvimento brasileiro e promover soluções mais justas e sustentáveis para o futuro.

Conclusão

A história de Ilha Solteira (SP) é marcada por transformações profundas que envolvem o planejamento urbano, o desenvolvimento energético e os impactos sociais gerados por essas mudanças. Desde sua criação como parte de um grande projeto hidrelétrico durante a ditadura militar, até sua emancipação política e consolidação como município, a cidade construiu uma identidade multifacetada, que reflete tanto os desafios enfrentados quanto as oportunidades geradas ao longo de sua trajetória.

Os monumentos e patrimônios culturais de Ilha Solteira (SP) não apenas narram o processo de seu desenvolvimento, mas também servem como elementos de conexão entre os habitantes e o passado. Estes bens culturais fortalecem o senso de pertencimento e ajudam a preservar a memória coletiva da cidade, proporcionando um elo entre as gerações.

Ainda que marcada por um passado de intensas transformações, a cidade continua a buscar um equilíbrio entre o progresso e a preservação de sua história,

visando integrar os legados do passado com as demandas do futuro. A reflexão sobre esses aspectos é essencial para o fortalecimento da identidade local, permitindo que Ilha Solteira (SP) se mantenha fiel à sua história, ao mesmo tempo em que avança para novas conquistas.

Além disso, a cidade de Ilha Solteira (SP) segue enfrentando os desafios de um desenvolvimento contínuo e sustentável. A convivência entre a modernização e a preservação cultural exige um olhar atento para as questões ambientais e sociais que ainda são impactadas pelos legados da construção da usina e pela urbanização acelerada. A busca por soluções que integrem a sustentabilidade ambiental com o fortalecimento da identidade local é um processo contínuo, que exige a colaboração entre poder público, sociedade civil e pesquisadores. Nesse contexto, a valorização dos patrimônios materiais e imateriais se configura como uma estratégia essencial para garantir que o desenvolvimento da cidade aconteça de maneira inclusiva e equitativa, respeitando as particularidades e a memória das comunidades afetadas.

Por fim, a trajetória de Ilha Solteira (SP) é um exemplo de como os processos históricos e as escolhas políticas moldam não apenas o espaço urbano, mas também as relações sociais e culturais de uma comunidade. A cidade, em sua pluralidade, é um reflexo das transformações que o Brasil viveu ao longo do século XX, e a preservação de suas memórias é crucial para a construção de um futuro mais consciente e integrador. O reconhecimento e a valorização de sua história, tanto em suas dimensões materiais quanto imateriais, são passos fundamentais para garantir que a identidade de Ilha Solteira (SP) continue a ser vivida e transmitida às futuras gerações.

Referências:

SIQUEIRA, Marcos da Cruz Alves. **Mapeamento do patrimônio material de Ilha Solteira (SP). Ilha Solteira (SP):** IFSP, 2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FERNANDES, Ana Carolina. **Ilha Solteira (SP): Planejamento Urbano e Desenvolvimento Local.** São Paulo: Editora Regional, 2015.

MARTINS, José de Souza. **O impacto das grandes obras sobre populações tradicionais.** Revista de Estudos Regionais, v. 12, n. 2, p. 87-102, 2009.

MARQUES, José Antônio. **O impacto socioeconômico da construção de usinas hidrelétricas no Brasil: O caso de Ilha Solteira (SP)**. Revista de História Regional, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 45-60, 2010.

RIBEIRO, Luiz Sérgio. **Memória e silêncio: as histórias não contadas das obras do regime militar**. São Paulo: Perspectiva, 2012. SILVA,

Ricardo Gomes. **Memórias de uma cidade planejada: Ilha Solteira (SP)**. São Paulo: Editora Memória, 2008.

Entre tijolos e afetos: o que a moradia me ensinou sobre existir | Yudi Hilário da Silva³²

Me chamo Yudi. Pessoa Não Binária, bicha de mato e de universidade, dessas que foram criadas nos cantos apertados onde a vida insiste em acontecer. Me formei em Ciências Biológicas pela UNESP de Ilha Solteira e hoje sigo meu caminho no mestrado em Educação para Ciência, em Bauru. Mas, honestamente, o diploma é só uma parte da história — o que me moldou mesmo foram os anos na moradia estudantil.

Morei na moradia de 2017 a 2023. Um lugar que não estava pronto para me acolher — nem a mim, nem a tantas outras existências dissidentes. Estrutura precária, calor sufocante, quarto minúsculo dividido com meu parceiro de sobrevivência, onde quase tudo da minha vida universitária aconteceu: estudos, crises, sonhos, conversas de madrugada. A moradia nunca foi só sobre morar, foi sobre habitar. E resistir.

Naquele lugar, onde o concreto era duro e os ventiladores insuficientes, a gente criou laços que nem o tempo vai desfazer. Tinha corredor que virava passarela, lavanderia que virava divã, festa que começava com a maquiagem dividida entre todes no espelho rachado do banheiro. Tinha janta no RU que virava ritual, tinha recepção de caloure com fogueira e festa junina com suor e glitter. Tinha drama, tinha confusão, tinha abraço no fim do dia. Tinha união, e às vezes, também tinha desunião. Mas era tudo parte de viver junto.

A moradia era esse lugar de extremos — onde a precariedade e a potência dançavam lado a lado. Onde a falta virava criação. Onde a ausência de conforto se compensava com afeto. Era difícil, era intenso, mas era nosso. E foi ali, entre painéis queimados e assembleias agitadas, que aprendi o que é comunidade, o que é resistência e, principalmente, o que é transformar o pouco em muito.

³² Estudante de biologia (UNESP). Mestrando em Educação para Ciência (UNESP).

Se hoje caminho pela vida entendendo a importância do afeto, da coletividade, da luta e da presença, é porque antes de ser mestre em educação, fui aprendiz da vida nos corredores da moradia. E isso, ninguém tira.

Moradia Estudantil – Relato | Inah Rios³³

A moradia é um lugar atípico. Diferente de tudo que já vi na vida - não que eu tenha visto muitas coisas, mas as que vi, foi com atenção aos detalhes - e que com certeza me marcou. A primeira impressão quando você chega nesse lugar é que há algo indigesto que você não sabe bem ao certo o que é.

Na entrada tem uma pequena guarita, boa parte do chão coberto com terra e pedrinhas de construção, muitas e muitas bicicletas - como de costume na cidade - nas quais algumas cobertas com telhado de telhas de fibra onduladas. Em volta do prédio você encontra oitis grandes, que arrebatam o concreto do chão como em manifestação pela sobrevivência. Ao lado da guarita há uma placa, recente, escrito 'Moradia Estudantil e Restaurante Universitário'. Ao lado dessa placa tem uma *Cassia fistula*, que em alguns períodos do ano dão lindas flores amarelas que forram o chão.

Ao andar em direção a parte de dentro do prédio, você logo vê à esquerda uma sala, que atualmente serve como sala de estudos, com janelas e portas de ferro. No hall de entrada tem duas ou três catracas - odiadas pela maior parte dos estudantes - e que foram implantadas no final de 2017, a contragosto dos moradores. Ao lado direito um painel esquecido com alguns avisos e propagandas. Na segunda parte do hall de entrada à esquerda está a porta do RU, e à direita você vê um grande corredor, grande mesmo, com uns três metros de largura e sei lá quantos de comprimento.

Nas laterais desse grande corredor central há corredores menores, que se ramificam da forma mais reta possível. Do lado direito estão as alas femininas, exceto a última, e a esquerda as alas masculinas. Essas alas comportam cerca de 30 pessoas. Esses corredores menores possuem várias portas, indicando os quartos, e na porção central, à direita estão a cozinha e o banheiro. A cozinha possui duas pias grandes, espaço para dois fogões, uma mesa grande e algumas geladeiras, com uma despensa pequena também. O banheiro possui um mini corredor que separa de um lado os boxes com chuveiros, e de outro os sanitários e pias. Ao final do mini corredor tem um espaço para

³³ Graduada em biologia. Mestranda em Educação para Ciência de Bauru (UNESP).

lavanderia, e as laterais dão para o fundo dos quartos da direita. Algumas alas possuem canteiros nesses espaços, onde os estudantes, por vez ou outra, fazem pequenas hortas, plantam plantas ornamentais, frutíferas e entre outras. O solo ali não é dos melhores, muito ácido, dizia o pessoal da agronomia. Ali já sonhei plantar muitas coisas, mas pouquíssimas deram certo. Já os quartos possuem duas estruturas de concreto para o colchão, duas mesas largas e duas prateleiras em cima, ambas de uma pedra que não sei o nome. Também tem dois armários construídos com tijolos e portas de metal, onde guardam-se as coisas. É um espaço até bom para morar duas pessoas. Os quartos são como mini casas, onde você guarda tudo de si, até as panelas e itens de cozinha ficam ali, já que esses itens são pessoais e não podem ser guardados na cozinha. Não há salas ou espaços de convivência nas alas, a gente se reunia sempre na cozinha, era um espaço universal, desde as festinhas de aniversário até reuniões eram feitas ali. Algumas alas enfeitavam o cômodo, colocando fotos dos moradores, assinaturas de visitantes, recados etc. As paredes, na maior parte de todo o prédio, eram de chapisco. Com um tom branco levemente amarelado que lembrava muito um hospital. O chão, de azulejos brancos e rejunte preto, para combinar com a estética.

Ao final do corredor central há um campo de futebol, bem grande. Os quartos do lado direito da ala 7 e do lado esquerdo da ala 8 davam suas janelas para o campinho, vista privilegiada, com uma fileira de oitis para fazer sombra. Logo ao lado da entrada do campinho tinha um banco velho e um banco improvisado, a sombra de uma jovem árvore, que se não me falha a memória, é uma *Bauhinia sp.*

Ao redor do campinho tem uma cerca de metal que parecia mais facilitar que alguém pulasse pra dentro. Do campinho você tinha uma vista bonita do pôr-do-sol, e os moradores o usavam com frequência.

Nesse lugar vivenciei sentimentos extremos, desde uma tristeza profundamente avassaladora até uma felicidade excitante que dava ânsia. Estar em um espaço dividindo tudo com muitas pessoas nos ensina muito. Ali, tudo que se faz, é em algum nível, coletivo.

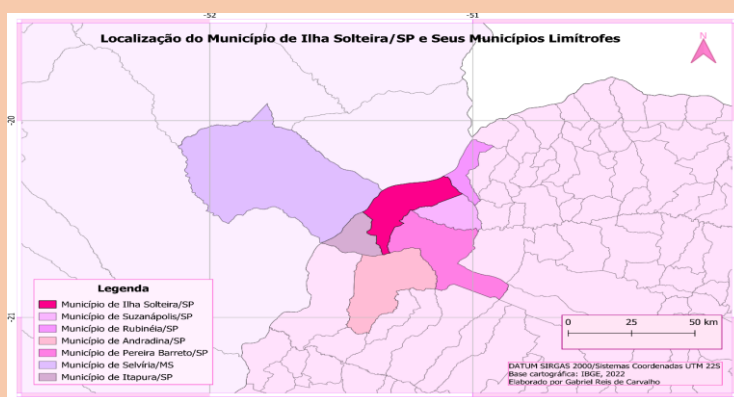
Esse prédio foi cedido pela antiga CESP, que alojava trabalhadores da usina na época de construção. Talvez por isso não havia salas e as alas comportam tanta gente. O

espaço não foi pensado para ser um lar, e sim um alojamento temporário. O termo alojamento se impregnou, e até hoje tem gente que chama assim, eu não gosto. Esse termo tira de vista nosso direito à moradia digna, com cara de lar. Somos a única Unesp que chama sua moradia assim. Viver ali dá esse gosto mesmo, de que o tempo parou.

Conhecendo Ilha Solteira/SP: Localização, Segregação e Cultura | Gabriel Reis de Carvalho e Patrícia Helena Milani³⁴

A cidade de Ilha Solteira localiza-se na margem paulista do Rio Paraná, logo abaixo da confluência com o Rio São José dos Dourados. Dista 60 km de Santa Fé do Sul, 42 km de Pereira Barreto, 70 km de Andradina, 15 km de Selvíria (MS), 170 km de Araçatuba, 220 km de São José do Rio Preto e 663 km de São Paulo. Tem como municípios limítrofes Selvíria a oeste (MS); Suzanápolis a nordeste; Rubinéia a noroeste; Pereira Barreto a leste; Itapura ao sul; e Andradina a sudeste (ILHA SOLTEIRA, 2023).

Figura 1 – Mapa de Localização de Ilha Solteira/SP



Fonte: DATUM SIRGAS 2000, Sistema de Coordenadas UTM 22S. Base cartográfica do IBGE (2022). Elaborado por Gabriel Reis de Carvalho (2023).

³⁴ **Gabriel Reis de Carvalho** é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas, com pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atua nas áreas de Estudos Urbanos e Territórios, bem como em Gênero e Sexualidade, investigando dinâmicas socioespaciais e processos de organização do espaço urbano. Além disso, é Agente Territorial de Cultura, selecionado pelo Ministério da Cultura, atuando na região imediata de Andradina e região, onde mobiliza e fortalece políticas culturais locais, promovendo diversidade, direitos humanos e democratização do acesso à cultura.

Patrícia Helena Milani Possui Graduação (2009) e Mestrado (2012) em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Presidente Prudente (2016), com a realização do Doutorado Sanduíche na Universidade de Lleida, Espanha, em 2014. É Professora Adjunta do Curso de Graduação e Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (CPTL). É membro do Grupo de Pesquisa Espaço Urbano e Produção do Território - UFMS e Coordenadora do Laboratório de Estudos Urbanos e do Território (LETUR/UFMS). Também integra o Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais GASPERR (UNESP/Presidente Prudente) e o DREGS, grupo de estudos sobre diversidade, resistência, educação, gênero e sexualidades. Tem experiência na área de Geografia Urbana e no Debate de Gênero na Geografia. ORCID: 0000-0001-9434-5584

De acordo com o mapa apresentado na figura 1, destaca-se a localização precisa do município de Ilha Solteira/SP. Encontra-se demarcada em uma coloração rosa ao extremo noroeste do estado de São Paulo, no qual é representado pelo tom de roxo mais claro na imagem. Na parte inferior à esquerda do mapa, temos uma legenda com a representação dos municípios limítrofes de Ilha Solteira. No mapa, os municípios limítrofes encontram-se em tons mais pastéis de rosa e roxo, para que o município em questão da pesquisa não seja ofuscado.

Considerado um centro de alta influência nos municípios vizinhos, o município de Ilha Solteira é do entorno da região de Andradina, São Paulo. Dentro de sua área de influência, a cidade atrai a maior parte dos visitantes para estudos. Ilha Solteira é o 3º município mais populoso da pequena região de Andradina, com 26,9 mil habitantes. O PIB da cidade é de cerca de R\$ 678,4 milhões de reais, sendo que 61,9% do valor adicionado advém dos serviços; na sequência, aparecem as participações da administração pública, (21,2 %), da agropecuária (21,2%) e da indústria (5,2%) (BRASIL, 2010).

Com essa estrutura, o PIB per capita de Ilha Solteira é de R\$ 25,3 mil, valor inferior à média do estado (R\$ 51,4 mil), da grande região de Araçatuba (R\$ 33,8 mil) e da pequena região de Andradina (R\$ 35,7 mil) (BRASIL, 2010). O município de Ilha Solteira foi criado em 30 de dezembro de 1991. Suas mais antigas referências datam de 30 de novembro de 1944, quando se tornou distrito do município de Pereira Barreto com o nome de Bela Floresta. Mais tarde, em 8 de maio de 1989, por meio de uma lei municipal, sua sede foi transferida para o então povoado de Ilha Solteira. A cidade teve seu desenvolvimento impulsionado pela construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, que movimentou um grande contingente de mão-de-obra. Essa região, carente de apoio por parte de centros maiores, precisou desenvolver uma infraestrutura mínima para a construção de alojamentos e vilas operárias para os trabalhadores. Até então, o povoado possuía uma rede urbana precária, ou quase inexistente, porque a ocupação da região foi marcada pela pecuária extensiva, pelos latifúndios, pela baixa densidade populacional e pela grande distância dos centros mais significativos (BRASIL, 2010).

Segundo publicação da Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP, 1988), a população inicial de Ilha Solteira/SP é composta por trabalhadores/as que

vieram de diversas regiões do Brasil trabalhar na construção da usina hidrelétrica e ficaram conhecidos como “barrageiros”, uma vez que vieram construir a barragem. Inicialmente, antes da emancipação, Ilha Solteira era conhecida como cidade-dormitório, ou seja, foram construídas casas para abrigar os/as trabalhadores/as. É preciso destacar que a dinâmica da cidade-dormitório funcionava por meio de níveis: do nível 1 ao nível 3, ficavam os trabalhadores braçais e, do nível 4 ao 6, os engenheiros, administrativos e diretores da usina, por exemplo. Os níveis são responsáveis pelo número de quartos na casa e metros quadrados. Outro fato também é que a cidade-dormitório foi projetada em cima do mapa do Brasil, então, na região norte ficavam as casas dos níveis 1 ao 3 e, na região sul, as casas dos níveis 4 ao 6, conforme mostram dados disponibilizados pela CESP (1988):

HABITAÇÃO ÁREA (M²)		DIVISÃO SOCIOPROFISSIONAL
Nível 1	108	Operários não especializados, ajudantes, serventes, vigias e zeladores.
Nível 2	132	Profissões manuais como: carpinteiros, encanadores, bombeiros, mecânicos, feitores, pedreiros, operadores de máquinas, pintores e soldadores.
Nível 3	132	Auxiliares administrativos, chefes de turma, encarregados, mestres de obra, montadores, fiscais e laboratoristas.
Nível 4	188	Assistentes técnicos, auxiliares de serviço social, desenhistas, projetistas, encarregados de operação, de manutenção, inspetores de segurança, inspetores sanitários e professores de ensino primário.
Nível 5	300	Técnico-administrativo, ou pessoal de cargo de chefia, agrimensores, professores de ensino técnico, professores de ensino médio, orientadores educacionais e orientadores

		pedagógicos.
Nível 6	560	Encarregados de nível universitário, profissionais liberais como médicos, engenheiros, arquitetos, economistas, assistentes sociais.
Casas Geminadas (1 a 4) 80% na Zona Norte.		Casas Separadas (5 e 6) – 100% na Zona Sul.

Fonte: Companhia Energética de São Paulo – CESP (1988).

Com a cidade-dormitório estabelecida e, posteriormente, com sua emancipação em 1991, a ideia da divisão da moradia foi estendida a outros locais: por exemplo, no “Clube Seis” só podiam frequentar pessoas dos níveis 1 ao 3 e, no “Clube Cais”, pessoas do nível 4 ao 6 (CESP, 1988).

Essa dinâmica da cidade passa, então, a se modificar com a chegada da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, que trouxe novos moradores cujo intuito eram os estudos universitários. A Praça dos Paiaguás, localizada no centro de Ilha Solteira, é um dos locais públicos mais movimentados da cidade. A movimentação desenrola-se devido a diversos fatores, como o comércio local existente, que consiste em parques, loterias, sorveterias, restaurantes, academias, bares, o Cine Paiaguás (cinema), a casa de cultura, a igreja matriz Paróquia Cristo Luz do Mundo, a biblioteca pública e o palco Concha Acústica, onde se concentra a maioria das atrações públicas do município. A cada ano, ocorre um dos principais eventos nessa praça, como o Festival de Música Popular Brasileira, durante o qual se reúnem diversos artistas renomados em âmbito regional ou nacional, habitantes locais ou de fora, de outros gêneros, etnias e classes sociais distintas, que exibem seus talentos para todos aqueles que estão presentes. O festival é um dos eventos públicos que mais concentra diversidade e representatividade na região.

Figura 2 - Praça dos Paiaguás 2023 em Ilha Solteira/SP, Brasil



Fonte: foto capturada por Gabriel Reis de Carvalho em 28 de abril de 2023.

Além do Festival de Música Popular Brasileira, na Paiaguás existem outros eventos importantes, como o Carnaval, a Virada Cultural Paulista, a FLIS (Feira Literária de Ilha Solteira) e o Natal Encantado, marcado pelas decorações natalinas extravagantes que chamam a atenção dos ilhenses e turistas. Quando falamos sobre apropriação de espaço, a praça expõe múltiplas possibilidades. O Cine Paiaguás, por exemplo, não é apenas um cinema, mas também um espaço utilizado para outras finalidades culturais em Ilha Solteira, como exposições de obras e intervenções artísticas, feiras literárias, lançamentos de livros, eventos municipais, palestras e debates.

Figura 3 – Exposição: Orgulho & Identidade – Mês de Combate à LGBTQIA+fobia: Uma Luta Coletiva Pela Existência, no Cine Paiaguás em 17 de maio de 2023. Ilha Solteira/SP, Brasil.



Fonte: foto capturada por Gabriel Reis de Carvalho no dia 17 de maio de 2023.